



JO'E REKOHA BOKITUTEHA RAM

PLANEJANDO COMO VAMOS CONTINUAR VIVENDO BEM NO FUTURO

PLANO DE GESTÃO TERRITORIAL E AMBIENTAL | TI ZO'É





JO'E REKOHA BOKITUTEHA RAM

PLANEJANDO COMO VAMOS CONTINUAR VIVENDO BEM NO FUTURO

PLANO DE GESTÃO TERRITORIAL E AMBIENTAL | TI Zo'é

JO'E REKOHA BOKITUTEHA RAM

PLANEJANDO COMO VAMOS CONTINUAR VIVENDO BEM NO FUTURO

PLANO DE GESTÃO TERRITORIAL E AMBIENTAL | TI Zo'é

Santarém, 2019

6 apresentação

- 8 PARTICIPANTES DAS REUNIÕES DE CONSTRUÇÃO DESTE PLANO
- 10 COMO LER ESTE DOCUMENTO: SESSÕES, LÍNGUAS, CONCEITOS

14 o povo Zo'é e sua Terra Indígena

- 15 AUTODENOMINAÇÃO
- 17 ENCONTROS COM *KIRAHÍ* E O CONTATO COM MISSÃO NOVAS TRIBOS
- 19 A FUNAI ASSUME A PROTEÇÃO DO POVO Zo'é
- 20 UMA POLÍTICA DE PROTEÇÃO PARA OS POVOS DE RECENTE CONTATO
- 21 ETAPAS DA REGULARIZAÇÃO E DA PROTEÇÃO DA TI Zo'é
- 23 COMO OS Zo'é SE ORGANIZAM
- 34 ESTAÇÕES E RITMOS DAS ATIVIDADES PRODUTIVAS

38 diretrizes para a gestão socioambiental da TI Zo'é

- 40 *TYTYTE Jo'e IWANA Kō IKO* / MOBILIDADE TERRITORIAL
- 44 *Jo'e REKOHA BA'UHA* / VIGILÂNCIA
- 52 *Jo'e PARADUHA* / COMO NOS ORGANIZAMOS
- 56 *IKUHA OKEHA* / COMO BUSCAMOS CONHECIMENTOS
- 60 *SAUJI* / COMO CUIDAMOS DE NOSSA SAÚDE
- 66 *Jo'e Kō KIRAMATY IKO TUTE'E POTARIWI* / COMO MANTER NOSSA QUALIDADE DE VIDA
- 88 *KIRAHÍ MO'E Kō KONAHA* / COMO BUSCAMOS LIDAR COM DINHEIRO
- 90 *TEHA IJISENA HOHA KUPEJ BA'UHA* / ESTAMOS PREOCUPADOS COM O ENTORNO DA TERRA INDÍGENA
- 96 SÍNTESE DAS DIRETRIZES DE GESTÃO SOCIOAMBIENTAL DA TI Zo'é

114 pressões e ameaças no entorno da TI Zo'é

- 115 UM MOSAICO DE ÁREAS PROTEGIDAS
- 116 REGISTROS DE POVOS ISOLADOS NO ENTORNO DA TI Zo'é
- 118 GARIMPOS
- 119 INTERESSES DE EMPRESAS DE MINERAÇÃO
- 120 EXPLORAÇÃO ILEGAL DE CASTANHA NA PORÇÃO SUL DA TI Zo'é

122 parcerias

- 123 COMO FOI CONSTRUÍDO ESTE PLANO
- 129 DESAFIOS PARA A IMPLEMENTAÇÃO DESTE PLANO

135 Para saber mais...



apresentação

Este é o Plano de Gestão Territorial e Ambiental elaborado com os Zo'é, que vivem no interflúvio Erepecuru-Cuminapanema, norte do Pará, numa terra demarcada e homologada em 2009, com 668.565 hectares.

Em situação de recente contato, os Zo'é convivem com agentes de assistência há apenas três décadas, mantendo vigorosamente suas formas de organização social, política e territorial. As florestas, os rios e igarapés de sua terra estão bem conservados, garantindo a qualidade de seu modo de vida e autonomia na produção de sua alimentação.

Entretanto, ao longo dos últimos anos, ameaças antes distantes se aproximaram dos limites da terra demarcada e invasões começaram a ocorrer.

É nesse contexto que este Plano foi construído com os Zo'é, no qual eles explicam suas prioridades para o futuro e definem as diretrizes para defender a integridade de sua terra e, portanto, de sua qualidade de vida.

Para esse trabalho participativo, contaram com uma parceria entre o Instituto de Pesquisa e Formação Indígena – Iepé e a Frente de Proteção Etnoambiental Cuminapanema – FPEC/Funai, apoiada pelo Projeto Bem Viver Sustentável do Fundo Amazônia.

PARTICIPANTES DAS REUNIÕES DE CONSTRUÇÃO DESTE PLANO

Aldeia Buruwa: Hāj, Jusī, Karu e Mereten

Aldeia Jawara kawen: Awapohitewet e Singuhu

Aldeia Japukej: Tube e Sipipā

Aldeia Jikirity: Boj, Hamawri, Kita, Raku, Toapa, Todu'a e Wajihem

Aldeia Kapi'in'y: Kwa'í, Resej, Moni, Piahym e Tekaru

Aldeia Manga: Aj'jā ra'yt, Awapo'í, Kijū, Kubi'e uhu, Puku, Tereren e Wej ra'yt

Aldeia Naret: Bajio, Dijeri tenon, Hun, Kisiriguhu, Riru, Supi, Take e Tapī

Aldeia Pada'y: Ka'i, Kurupaj, Raby, Sarara, Senī, Sīra'yt e Wej uhu

Aldeia Parakesina: Paje sini

Aldeia Paraty hembra: Boata, Haj, Tarakwaju e Towari

Aldeia Pehū pereke: Sijū e Tokē

Aldeia Pakoty: Kiremetī e Ruwa

Aldeia Tahiripa: Biri, Duwa e Towy

Aldeia Tarakware: Rasiū, Dahereme e Tajuje

Aldeia Tapy'yj rupa hembra: Mima e Simirā

Aldeia Towaripy: Kuru e Su

Aldeia Towari abyra rupa: Remin, Ke'i apo, San e Teakwā

Aldeia Tuwajwit: Tebo

Participação especial

Awapo'í, Boj, Hun, Kita, Kubi'e uhu, Kurupaj, Kwa'í, Mima, Riru, Sarara, Simirã, Supi, Tereren, Tokê e Ke'iaipo.



COMO LER ESTE DOCUMENTO: SESSÕES, LÍNGUAS, CONCEITOS

Partes e sessões

O Plano de Gestão Territorial e Ambiental da TI Zo'é está dividido em quatro partes, cada uma trazendo várias sessões temáticas e alguns box com textos complementares.

A primeira parte reúne informações básicas sobre a história do povo zo'é e de sua terra indígena, além de explicações sobre as especificidades de seu modo de vida.

Na segunda parte, os Zo'é apresentam suas diretrizes para o futuro. Além dos textos em duas línguas, uma tabela resume os tópicos temáticos do Plano, indicando as parcerias necessárias para garantir o bem viver dos Zo'é em sua terra.

A terceira parte complementa as preocupações dos Zo'é enunciadas nos textos anteriores e detalha as pressões e ameaças que colocam em risco a vida deste povo e a integridade de sua terra.

Na última e quarta parte, dedicada às parcerias, explica-se como o Plano foi construído e apresenta-se os desafios para a próxima etapa, de implementação da gestão socioambiental na TI. Há também indicações de documentos importantes para conhecer as particularidades da situação atual deste povo.



Línguas

A primeira e a terceira partes do Plano foram redigidas somente em português. Já as diretrizes delineadas pelos Zo'é na parte central, foram discutidas e escritas em sua língua e, depois, em português. Os Zo'é vivem um processo recente de letramento na sua língua, em que são fluentes. Ainda não escrevem nem leem em português, justamente por não falarem bem a língua. Assim, as palavras do português que eles incorporaram no seu cotidiano aparecem escritas conforme a convenção adotada para a grafia da língua zo'é. Por exemplo, em zo'é, Funai se escreve *Punaj*, Saúde se escreve *Sauji*, Zo'é é grafado *Jo'e*.

É também importante entender por que a íntegra deste documento não foi transposta para a língua zo'é. Como se explica adiante, só recentemente alguns jovens e lideranças zo'é tiveram a oportunidade de aprender a falar português, o que não significa que eles já sejam fluentes. Ao longo dos três anos de preparação deste Plano, uma turma com 28 jovens e líderes zo'é iniciou o aprendizado da leitura e escrita em sua língua. Nesse percurso, os Zo'é estão refletindo cada vez mais sobre os modos de vida social, política e econômica dos não-índios, em relação a seus próprios modos de vida. Dessa forma puderam manifestar claramente em língua zo'é, suas demandas para garantir condições de vida e proteção territorial para o futuro, estabelecendo as diretrizes deste Plano. Embora eles ainda não leiam e escrevam em português, afirmam com vigor que desejam continuar aprendendo.

O período de elaboração deste Plano correspondeu à etapa preliminar de acesso dos Zo'é aos conceitos da legislação do Estado brasileiro e, por isso, ainda não dominam os termos técnicos utilizados para descrever a situação fundiária de sua terra indígena. Sabemos que, para elaborar traduções e criar palavras em sua língua capazes de transpor práticas e saberes muito específicos da cultura técnico-administrativa utilizados pela sociedade brasileira, eles precisarão de tempo e, sobretudo, de apoio adequado para que tal aprendizado aconteça de modo a fortalecer sua autonomia cultural.

Conceitos zo'é

Se os Zo'é ainda não se detiveram na transposição para sua língua de palavras como “decreto”, “alvará”, “epidemiologia”, “intangível” etc., em contrapartida, devemos atentar para a riqueza conceitual do pensamento e da língua deste povo. A seguir, são explicitados alguns termos indígenas de difícil tradução, que precisam ser adequadamente compreendidos e respeitados, pois são essenciais na fundamentação deste Plano.

Rekoha

Essa é uma noção fundamental nos modos de organização sociopolítica e territorial dos Zo'é. Pode ser traduzida como “território”, no sentido de lugares ocupados e percorridos por alguma pessoa ou grupo que construiu uma relação de domínio sobre essa área. Assim, um *rekoha* é normalmente referido a determinado líder (como: *Hun rekoha*). Desde o processo de delimitação da TI e ao longo dos últimos vinte anos, os Zo'é vêm consolidando uma noção de terra coletiva, identificada como *Jo'e rekoha*, “nosso território”.

Kō, Wan

Esses termos indicam a formação de coletivos, designados pelo nome de um líder (como *Biri kō*: o “pessoal” de Biri) ou pelo nome de uma aldeia dentre outras, tida como central na área ocupada por tal grupo assim determinado (como: *Manga iwan*, *Nareri wan*). Esses grupos locais não são unidades nem fechadas nem fixas, e por isso não correspondem a famílias, mas aos laços entre distintas famílias extensas que optam, por um certo tempo, conviver numa mesma região.



Je ije ijy, tytyte

Esses termos designam os movimentos de aproximação e distanciamento que, ao juntar e separar pessoas, conformam famílias extensas reunidas por territórios. O primeiro pode ser traduzido como “ir e vir”, o segundo como “afastar-se”. Ambos denotam a importância desses deslocamentos na vida dos Zo’é. Hoje, ambas as palavras são utilizadas para enfatizar a importância da mobilidade territorial, que garante seu bem-viver.

Ba’u

Esta é uma palavra utilizada em múltiplos contextos, tanto quando se cuida da saúde de uma pessoa, quanto para indicar a necessidade de atenção aos perigos numa caminhada pela mata ou num passeio na cidade. O termo é também utilizado hoje para se reportar às ações de vigilância realizadas pelos Zo’é quando circulam pelos limites de sua terra. Por extensão, ba’u indica o conjunto de cuidados necessários à manutenção da integridade da terra demarcada, ou seja, corresponde ao que se costuma entender por ‘gestão’.



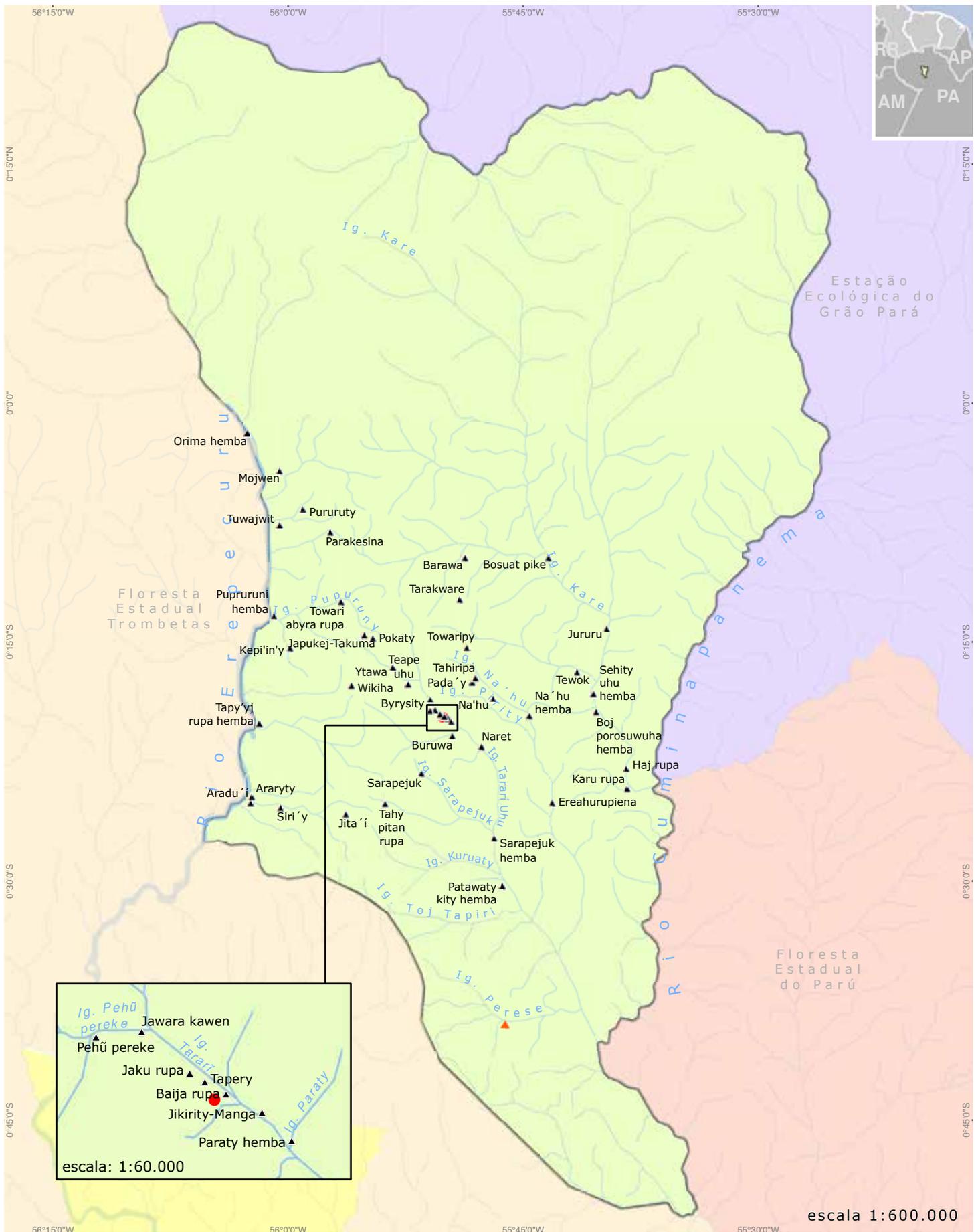
O povo Zo'é e sua Terra Indígena

Esta primeira parte do documento inclui algumas informações importantes para conhecer a história e a organização sociopolítica dos Zo'é, bem como para entender o processo de regularização da TI ao longo das últimas décadas. Essas explicações, organizadas em blocos temáticos, preparam a leitura dos textos da próxima sessão, elaborados coletivamente pelos Zo'é como diretrizes do Plano de Gestão.

AUTODENOMINAÇÃO

Os índios do Cuminapanema se reconhecem hoje como Zo'é, um termo que significa simplesmente “nós mesmo”. Um pronome se consolidou aos poucos como uma autodenominação, um termo que os diferencia dos não-índios chamados *kirahi*. Nos anos 1980, quando começaram a conviver com missionários e com servidores da Funai, a palavra *jo'e* não era usada para designar a si mesmos, mas sim para identificar qualquer pessoa que adquirisse alguma proximidade passando, então, a ser considerada “gente como nós”. O pronome se transforma em etnônimo quando os Zo'é aprendem a se pensar como “índios”, uma categoria social antes desconhecida por eles, que só pôde surgir na trajetória de convivência com os diferentes grupos de não-indígenas.

O termo *Poturu*, ou *Poturujava*, difundido inicialmente como nome do povo Zo'é, designa tão somente a madeira da árvore utilizada para confeccionar os adornos labiais *embe'pot*. “*Poturu!*” respondiam os Zo'é, quando alguém apontava para seus rostos, buscando saber seu nome.



ENCONTROS COM *KIRAHÍ* E COM A MISSÃO NOVAS TRIBOS

Os Zo'é foram apresentados ao mundo em 1989 como os índios do Cuminapanema, em reportagens jornalísticas que enfatizavam a “pureza” e a “fragilidade” desse povo, os descrevendo como um dos últimos grupos “intactos” na Amazônia. O fato de constituírem uma das raras etnias ainda “não atingidas” nem pela mensagem evangélica, nem pela assistência oficial, chamou a atenção de membros americanos e brasileiros da Missão Novas Tribos - MNT, que iniciaram o seu trabalho na região em 1982. Foram cinco anos de sucessivas entradas e saídas das aldeias, para “pacificar” os Zo'é, até que em 1987 eles instalaram sua base “Esperança” na porção sul da atual TI Zo'é. Ali, passaram a controlar sozinhos o processo de acomodação dos Zo'é à nova situação, até a Funai assumir a área em 1991.

No entanto, os Zo'é já tinham experiências de encontro com não-índios desde muito tempo. Relatam inclusive a saída de um mulher, que viajou até Santarém de onde acabou voltando, provavelmente no final do século XIX. No final dos anos 1960, seu território passou a ser percorrido por caçadores de felinos, conhecidos como “gateiros”. Os Zo'é encontravam em suas trilhas, gaiolas, ferramentas abandonadas, restos de acampamentos. Também encontravam vestígios de coletores de castanha. Eram contatos indiretos, ou, como dizem os Zo'é, “sem carne/sem corpo”, pois não viam os forasteiros. Em 1975, eles foram surpreendidos por visitas mais espetaculares, quando um helicóptero do Instituto de Estudos e Pesquisas do Pará despejou embrulhos com roupas e objetos sobre a aldeia Kejã. De acordo com os Zo'é, todos se assustaram e os homens tentaram flechar o helicóptero, que se distanciou, mas acabou voltando para lançar pacotes com roupas vermelhas.

Foi também com presentes lançados por avião ou dependurados no caminho das aldeias que os membros da Missão Novas Tribos se aproximaram. Entre 1982 e 1987, eles estiveram várias vezes em acampamentos ou aldeias, saindo rapidamente. Segundo os Zo'é, muitas pessoas ficavam doentes na sequência dessas visitas e, como os missionários demoravam meses para voltar, as pessoas acometidas por doenças pulmonares morriam. As baixas foram de ao menos 37 pessoas, ou seja, um quarto da população estimada na época. Eles também relatam que resolveram se deslocar rumo ao sul, em busca de uma explicação para esse “sopro” de doenças e para pegar mais objetos, chegando finalmente à Base “Esperança” em outubro de 1987, data oficial do “contato” com a MNT.

Após essa notícia, a Funai cria o **PINC Cuminapanema**, subordinado à 4ª SUER/Funai em Belém (Port.1.061 de 22 de maio de 1987). No ano seguinte, o convênio 008/1998 celebrado entre a Funai e a MNT veda sua atuação em áreas de índios isolados. Mas a missão não se retira e continua seu trabalho junto aos Zo'é.



A FUNAI ASSUME A PROTEÇÃO DO POVO ZO'É

Em janeiro de 1989, a missão alerta a Funai sobre a precária situação de saúde dos índios. O sertanista Sidney Possuelo consegue apoio da imprensa e pode assim realizar uma primeira visita à área. Numa segunda viagem, pouco tempo depois, a equipe da Funai verifica que a situação de saúde estava piorando e começa a planejar um trabalho mais sistemático. Durante dois anos, os Zo'é assistiram à convivência tensa entre a Funai e a Missão Novas Tribos, cada uma com sua base, entre as quais eles continuaram circulando para obter remédios e objetos industrializados. Quando conseguiu recursos e pessoal adequados para assumir um trabalho de assistência que abrangeria a totalidade das quatro aldeias existentes na época, a Funai retira os missionários da área, em outubro de 1991. O primeiro censo realizado pela Funai, naquele ano, somava 137 pessoas.



A partir desse momento, os sucessivos responsáveis pelo PINC Cuminapanema, orientados pelo Departamento de Índios Isolados – DII/Funai, desempenham ações de proteção do povo Zo'é e de sua terra,

em formatos que irão variar sensivelmente ao longo dos anos. Foi somente a partir de dezembro de 2009, com a reestruturação da Funai que o órgão indigenista amplia a atuação da então Coordenação Geral de Índios Isolados – CGII, incluindo a proteção às populações de recente contato, entre eles os Zo'é.

A **Frente de Proteção Etnoambiental Cuminapanema – FPEC**, é criada em 2011 (Portaria Nº 1816/PRES, de 30 de dezembro de 2011) e desde então segue novas diretrizes para a promoção da integridade cultural e territorial do povo Zo'é.

UMA POLÍTICA DE PROTEÇÃO PARA OS POVOS DE RECENTE CONTATO

A Funai considera “de recente contato” aqueles povos ou grupos indígenas que mantêm relações de contato permanente e/ou intermitente com segmentos da sociedade nacional e que, independentemente do tempo de contato, apresentam singularidades em sua relação com a sociedade nacional e seletividade (autonomia) na incorporação de bens e serviços.

Constata-se que a vulnerabilidade física e sociocultural desses povos indígenas surge, ou é reforçada, em face da situação de contato e se agrava com:

- a ausência de ações diferenciadas e específicas de atenção à saúde e prevenção de doenças infectocontagiosas;
- a introdução de sistemas educacionais que não estão embasados em modelos metodológicos diferenciados e específicos, ou seja, que não atendem a uma relação de reconhecimento de outras formas de alteridade;
- a presença de missionários que desenvolvem o proselitismo religioso nas terras indígenas;
- a introdução de dinâmicas de uma economia de mercado e de consumo sem um processo de escuta aos povos indígenas quanto às expectativas e perspectivas dessas novas relações ou um acompanhamento que busque a valorização de suas próprias formas de organização socioeconômica.

Nesse cenário, o efetivo respeito às dinâmicas sociais indígenas em suas relações com a sociedade nacional exige que o Estado encare o desafio de implementar uma política indigenista não-assimilacionista, pautada na defesa de direitos dos povos indígenas, observadas as singularidades dos diversos grupos.

<http://www.funai.gov.br/index.php/nossas-aco-es/povos-indigenas-isolados-e-de-recente-contato?start=1#>

ETAPAS DA REGULARIZAÇÃO E DA PROTEÇÃO DA TI ZO'É

Em 1987, a Funai procedeu à **interdição** da Área Indígena Cuminapanema/Urucuriana, com uma extensão de aproximadamente 2.059.700 hectares, ao sul do Parque Indígena de Tumucumaque, nos municípios de Alenquer e Óbidos, Pará (Port. n.4.098 de 30.12.1987). A interdição visava dar condições de trabalho às equipes de localização e contato, na identificação de numerosas referências de índios isolados na região, levantadas pelo então Departamento de Índios Isolados – DII. Na época, a Funai já conhecia a presença dos Zo'é nesta área através de informações repassadas pela Missão Novas Tribos, que já tinha localizado este povo em 1982.

Os trabalhos de **identificação e delimitação** da Terra Indígena Zo'é aconteceram entre 1996 e 1998, com a participação ativa dos Zo'é e de vários técnicos e especialistas, em muitas etapas. A primeira, de estudos antropológicos, incluiu a preparação da comunidade indígena para que os Zo'é pudessem acompanhar todos os procedimentos da regularização de seu território. A Portaria 309 de 04.04.1997 constituiu o Grupo de Trabalho coordenado pela antropóloga Dominique T. Gallois (USP), cujos trabalhos conjuntos resultam no relatório de identificação e delimitação, submetido ao Departamento de Identificação e Delimitação – DID/Funai em novembro de 1998.

A **demarcação física** da Terra Indígena foi realizada entre 1999 e 2000, por uma empresa contratada pela Funai. Contrariamente ao que tinha sido previsto e demandado pelos Zo'é, eles não puderam acompanhar as equipes que procederam à demarcação dos limites, por decisão da coordenação da Funai da época. As ações de formação iniciadas no processo de identificação foram portanto interrompidas e só retomadas vinte anos mais tarde.

A **homologação** e o registro da Terra Indígena demarcada no Serviço de Patrimônio da União – SPU, foram consagrados por Decreto presidencial (s/n) publicado no Diário Oficial da União em 22 de dezembro de 2009.

Em 2008, a pedido do Ministério Público Federal, foi criada uma faixa de amortecimento em volta da Terra Indígena. Esta **Zona Intangível** das Florestas Estaduais Trombetas e Paru não poderia receber nenhum tipo de exploração econômica para evitar a contaminação dos índios em situação de recente contato. Com a aprovação do **Plano de Manejo da FLOTA do Trombetas** pelo Conselho Estadual de Meio Ambiente do Pará, a faixa foi incorporada no zoneamento da Unidade, conforme plano de manejo.

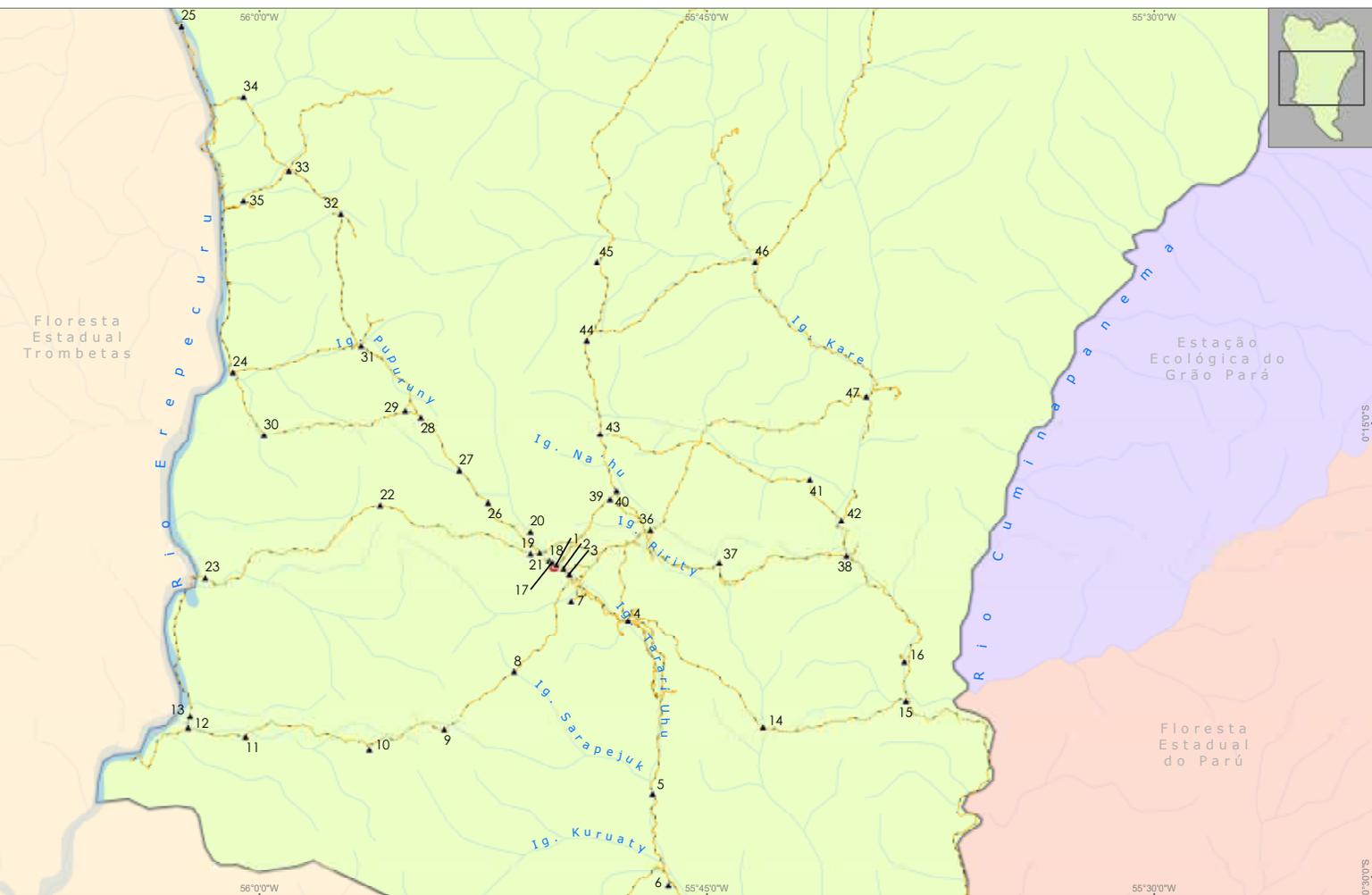


COMO OS ZO'É SE ORGANIZAM

Os Zo'é subdividem-se atualmente em quatro **grupos locais** (*iwan*), distribuídos em determinadas áreas territoriais, onde estão suas aldeias antigas e recentes e seus acampamentos. Um grupo local constitui-se num agregado de famílias extensas que ocupam aldeias próximas. A composição desses grupos sofre constantes alterações em função das alianças matrimoniais e das parcerias estabelecidas entre homens para ocupar novas áreas. Assim, a flutuação do pertencimento a esses grupos, ou mesmo a extinção de alguns *iwan* importantes no passado, são processos recorrentes na história zo'é.

É nesse fluxo de relações entre grupos locais que se nota a proeminência de certos **homens importantes, chamados *iy***. Hoje, todos eles são relativamente jovens, e se tornaram preeminentes pela sua capacidade de liderança nas relações com os *kirahi*, e pelas iniciativas de buscar novas áreas para caça, ou para abertura de clareiras para roças e moradias. Como indivíduos que se fazem seguir por outros, eles têm, nesses eventos, uma oportunidade de fortalecer sua posição através do sucesso nas negociações.

As aldeias, mesmo que tenham um dia sido abertas por um determinado *jet*, “dono” da primeira clareira (*katu*), não são privativas nem exclusivas à ocupação de um único grupo local. No entanto, nos últimos anos, ocorreu um processo significativo de abertura de aldeias, que hoje totalizam 46 sendo ocupadas por poucas famílias, que circulam entre distintos assentamentos.



Fontes: IBGE, MMA, ANA, FUNAI (2010/2019)
 Sistema de Coordenadas Geográficas, Datum: SIRGAS 2000

- ▲ Aldeias
- FPEC - FUNAI
- Caminhos Zo'é
- Hidrografia
- Terra Indígena Zo'é
- Estação Ecológica do Grão Pará
- Floresta Estadual Trombetas
- Floresta Estadual do Parú



ALDEIAS

- | | | | |
|------------------------|------------------------|----------------------|-------------------------|
| 1 Baija rupa | 13 Araryty | 25 Orima hembra | 37 Na'hu hembra |
| 2 Jikirity-Manga | 14 Ereahurupiena | 26 Teape uhu | 38 Boj porosuwha hembra |
| 3 Paraty hembra | 15 Karu rupa | 27 Ytawa | 39 Pada'y |
| 4 Naret | 16 Haj rupa | 28 Pokaty | 40 Tahiripa |
| 5 Sarapejuk hembra | 17 Tapery | 29 Japukej-Takuma | 41 Tewok |
| 6 Patawaty kity hembra | 18 Jaku rupa | 30 Kepi'in'y | 42 Sehity uhu hembra |
| 7 Buruwa | 19 Jawara kawen | 31 Towari abyra rupa | 43 Towaripy |
| 8 Sarapejuk | 20 Byrysty | 32 Parakesina | 44 Tarakware |
| 9 Tahy pitan rupa | 21 Pehũ pereke | 33 Pururuty | 45 Barawa |
| 10 Jita'í | 22 Wikiha | 34 Mojwen | 46 Bosuat pike |
| 11 Siri'y | 23 Tapy'yj rupa hembra | 35 Tuwajwit | 47 Jururu |
| 12 Aradu'í | 24 Pupuruni hembra | 36 Na'hu | |







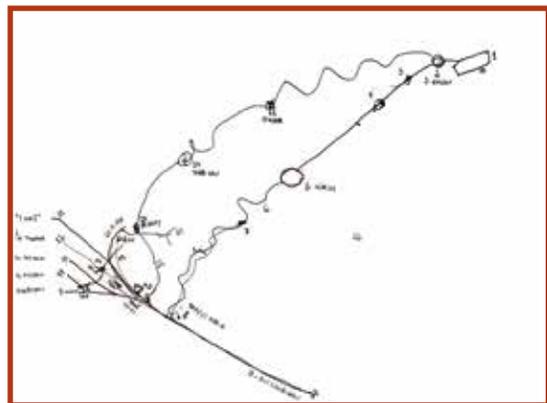
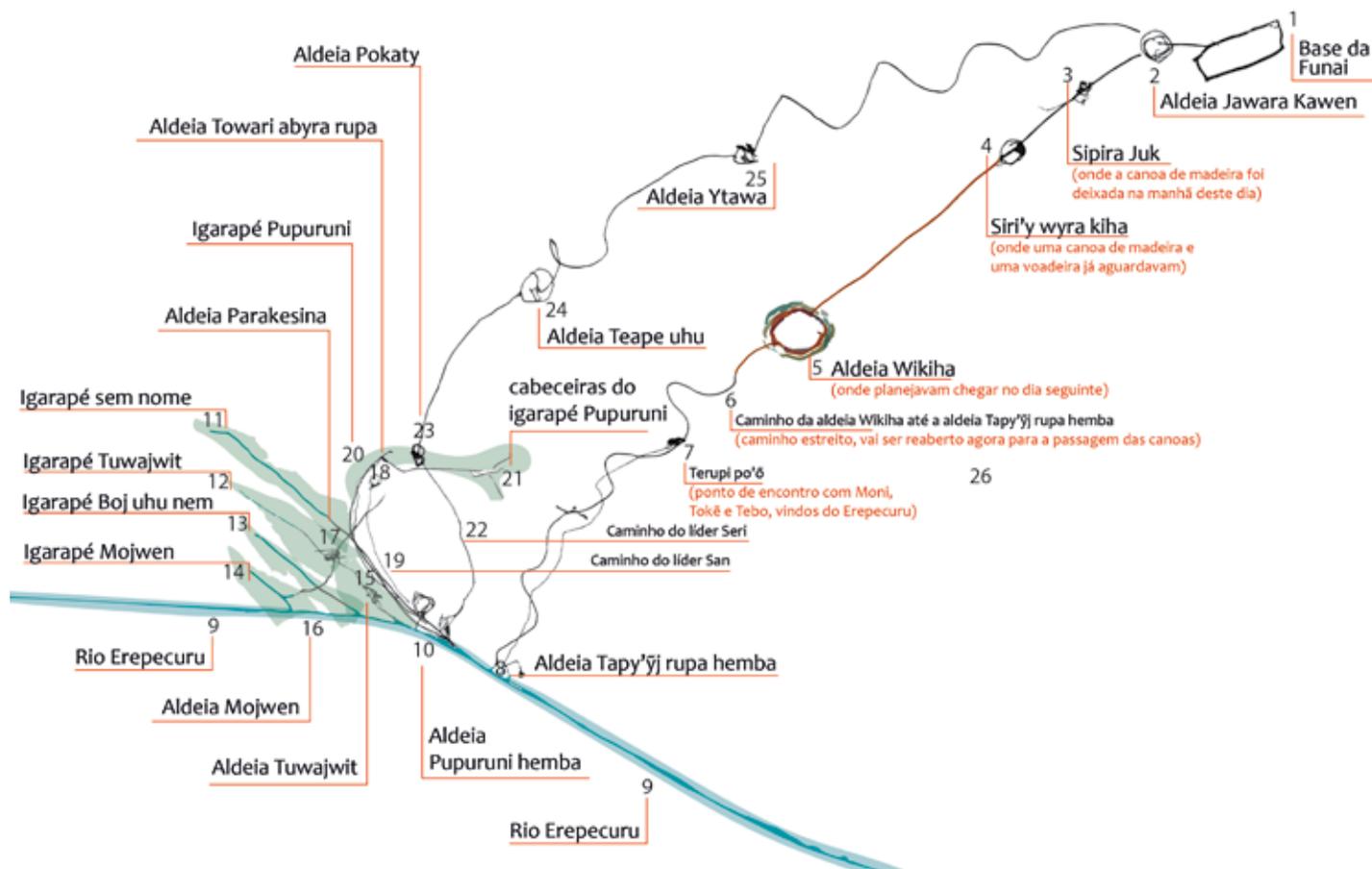
DATA	1991	1998	2011	2019
POPULAÇÃO	137	172	261	310
NÚMERO DE ALDEIAS	4	8	12	47



Esse notável **processo de dispersão** ao longo dos últimos 8 anos está relacionado a vários fatores, entre eles o apoio logístico que receberam tanto da Funai como do lepé, através da distribuição de canoas motorizadas, unidades de radiofonia, placas solares e combustíveis possibilitando intensificar a circulação entre aldeias. Dispor desses equipamentos de transporte e comunicação trouxe maior segurança às famílias que se deslocam e permanecem em aldeias distantes da Base da FPEC. Além disso, atividades de formação e informação realizadas nesse período mobilizaram os Zo'é a realizar, por conta própria, **ações de vigilância**. Percorrendo áreas onde antes temiam a possível presença de inimigos, eles se sentiram confiantes em avançar em relação aos percursos conhecidos pelos antigos, abrindo novos caminhos e acampamentos, alguns deles logo transformados em aldeias. A dispersão redundou em vigilância e essa promove incursões em áreas onde há fartura de recursos, como nas margens de rios maiores que os antigos Zo'é não ocupavam tão intensamente.

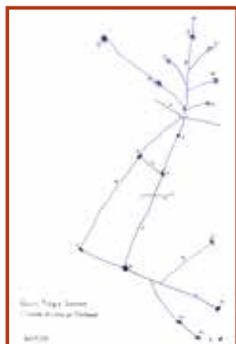
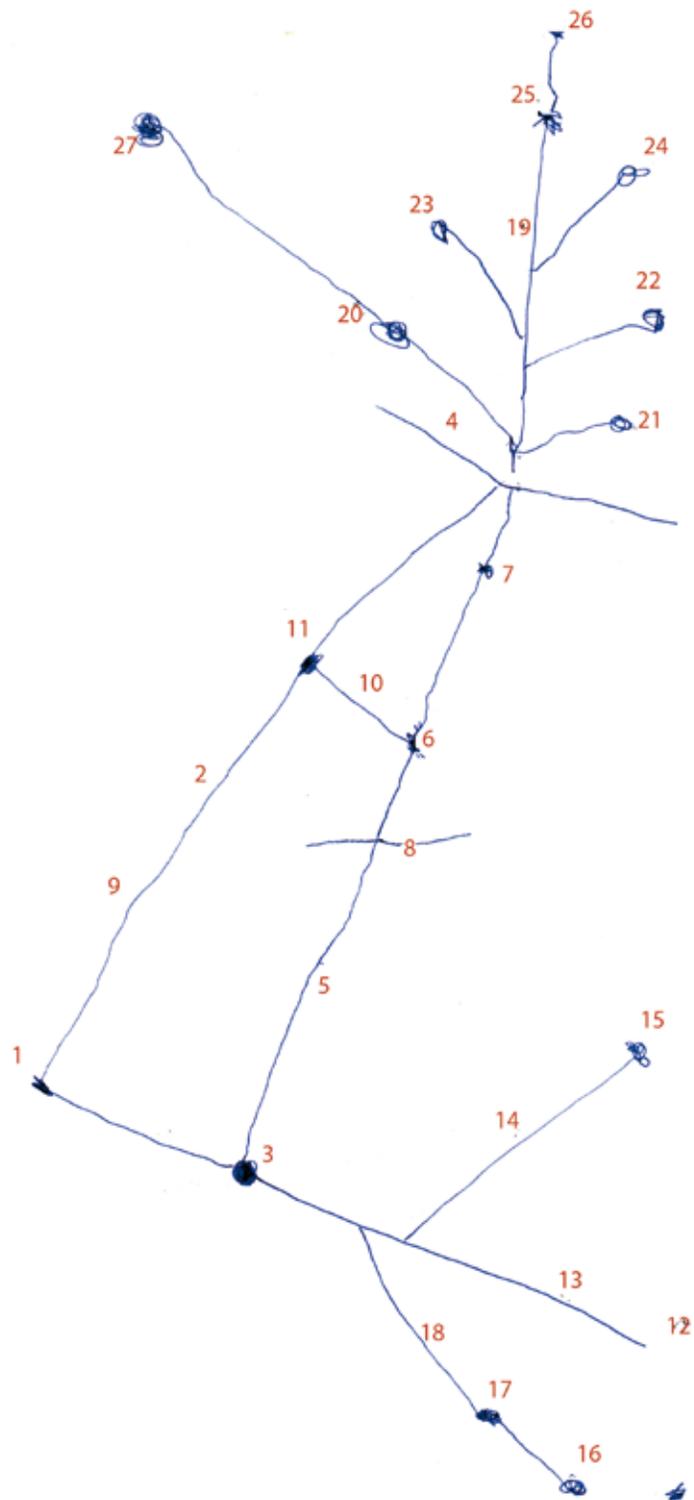
Empreendimento de Simirã

Mapa do transporte de três canoas por terra da Aldeia Jawara Kawen até o rio Erepecuru

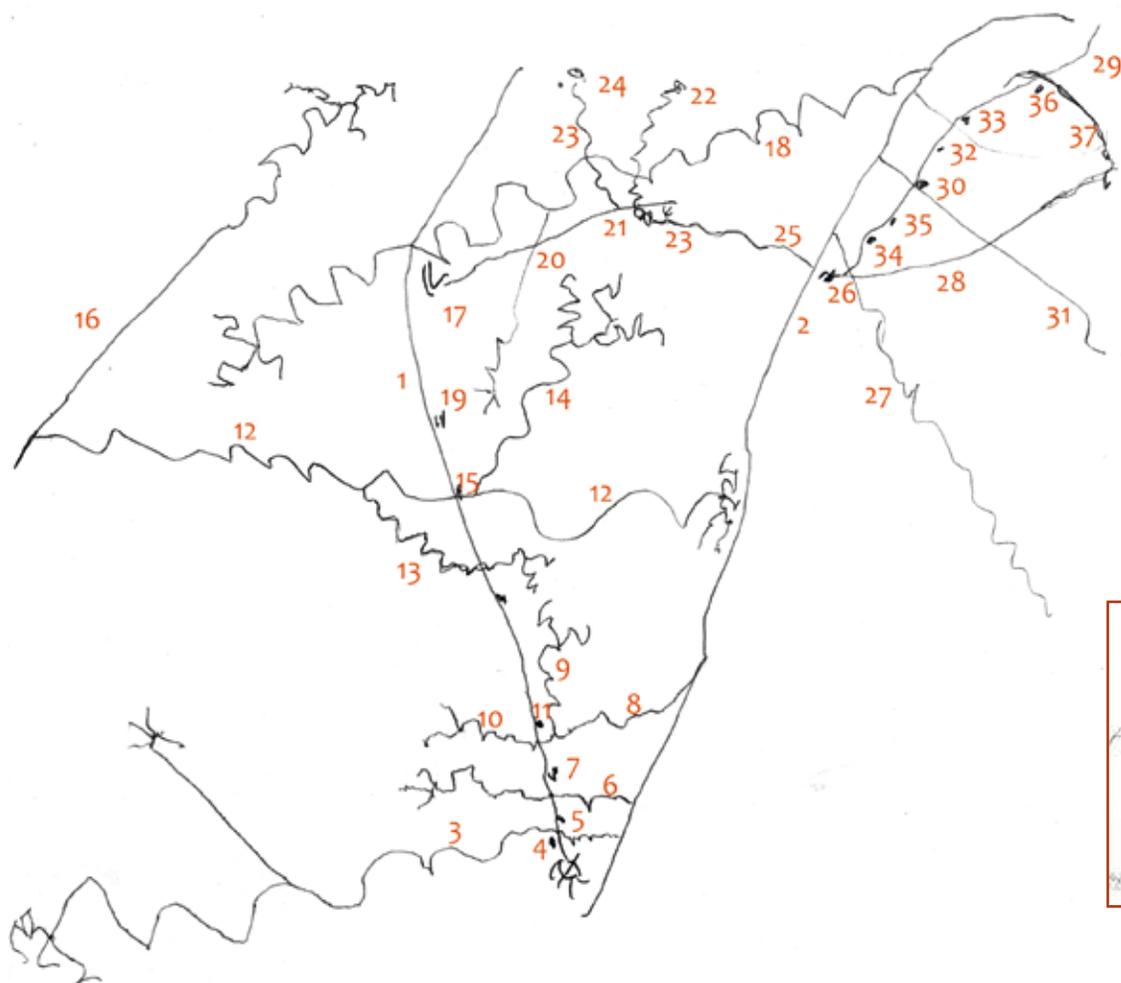


Território do Dahereme

- 1 Aldeia Barawa
- 2 Igarapé Bireko
- 3 Tarakware
- 4 Igarapé Kare
- 5 Caminho para o Kare (saindo do Tarakware)
- 6 Acampamento Mytum nem
- 7 Cachoeira Bosuat pike
- 8 Igarapé sem nome
- 9 Caminho para Barawa
- 10 Caminho para pescar no Igarapé Bireko
- 11 Capoeira Barake
- 12 Aldeia Pokaty
- 13 Caminho para Pokaty
- 14 Caminho de caça de coatá
- 15 Território de coatá
- 16 Capoeira Iwiara
- 17 Castanhal sem nome
- 18 Caminho para Iwiara
- 19 Genipapeiro grande
- 20 Onde Wajihem matou anta
- 21 Onde Pisin matou anta
- 22 Caminho para caça de coatá
- 23 Caminho para caça de coatá
- 24 Caminho para caça de coatá
- 25 Caminho para caça de coatá
- 26 Caminho para caça de coatá (aberto por Dahereme, seguido por muitos: Boj, Su etc.)
- 27 Onde Tajuje dormiu no mato porque era longe para ele voltar antes de escurecer



Território do Hun

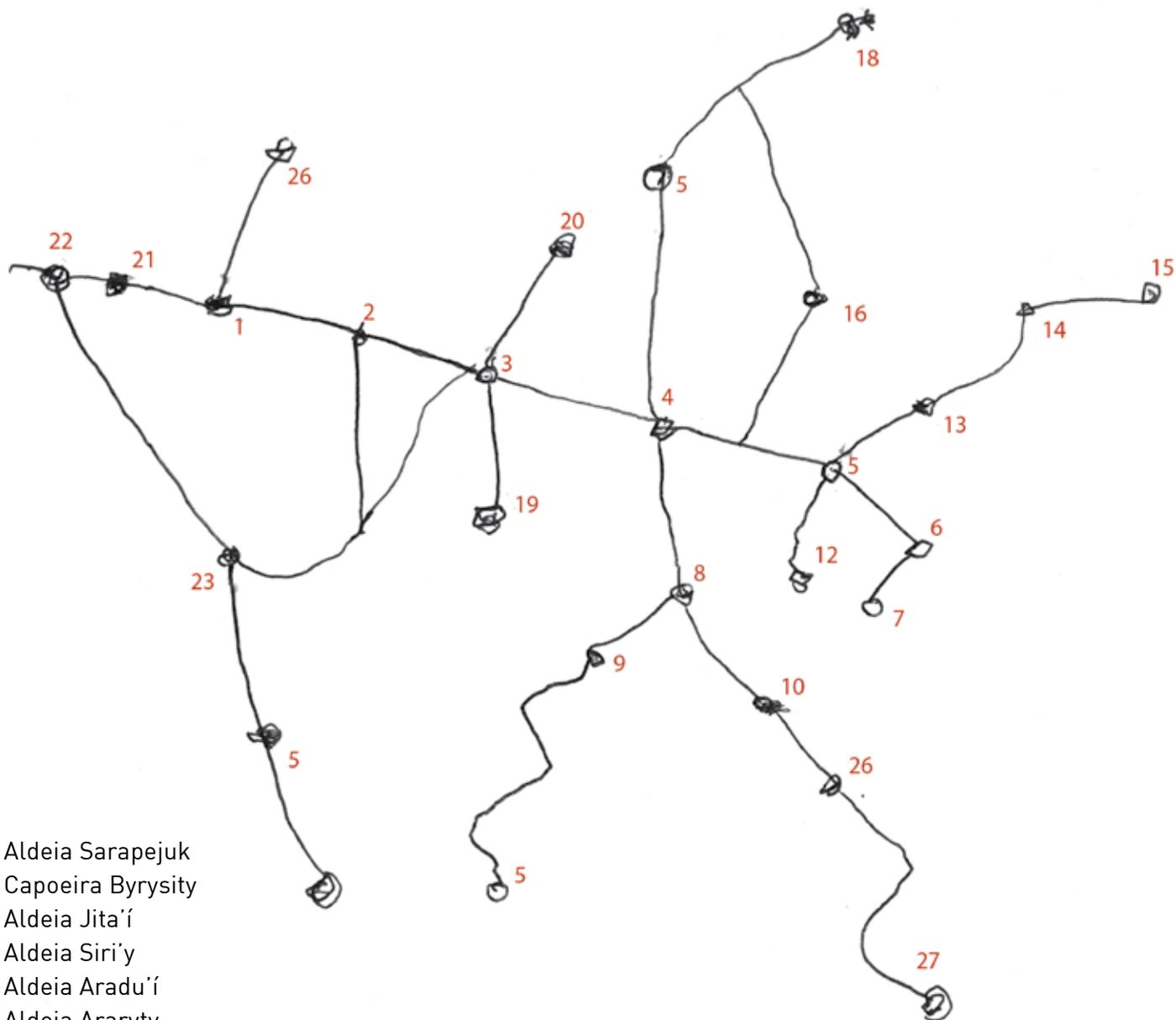


- 1 Caminho para capoeira Koporuhu
- 2 Igarapé Tararĩ
- 3 Igarapé Pireanã
- 4 Capoeira Dipisow
- 5 Capoeira Kapisa
- 6 Igarapé Barakeaja Parabehea y
- 7 Ponto para lembrar o que indicar no mapa
- 8 Igarapé. Ruwary
- 9 Igarapé Ruwary
- 10 Igarapé Ruwary
- 11 Ponto para lembrar o que indicar no mapa
- 12 Igarapé Sehity uhu

- 13 Igarapé Bikuripa
- 14 Igarapé Jakarekwat
- 15 Acampamento na boca do Ig. Jakarekwat
- 16 Igarapé Pireaty
- 17 Aldeia Ereahurupiana
- 18 Igarapé. Sirurity
- 19 Igarapé Jaririty
- 20 Acampamento Jaririty
- 21 Caminho para aldeia Ereahurupiana
- 22 Onde Wara uhu abyt morreu e foi enterrado
- 23 Pequena clareira de Wara uhu
- 24 Rio Kare

- 25 Caminho para rio Kare
- 26 Capoeira Kuruwaty
- 27 Igarapé Kuruwaty
- 28 Caminho para a antiga Missão
- 29 Caminho para caça de mutum
- 30 Acampamento da boca do Igarapé Toj tapiri
- 31 Igarapé Toj tapiri
- 32 Acampamento Arapuruty
- 33 Castanhal Kipiwera nem
- 34 Lago Jatuk
- 35 Lago sem nome
- 36 Boca do Ig. Peresẽ
- 37 Igarapé Peresẽ

Território do Tereren



- 1 Aldeia Sarapejuk
- 2 Capoeira Byrarsity
- 3 Aldeia Jita'í
- 4 Aldeia Siri'y
- 5 Aldeia Aradu'í
- 6 Aldeia Araryty
- 8 Acampamento de caça de coatá
- 9 Castanhais Kaju nady e Pideay na
- 10 Território de coatá
- 11 Bosque de palmeira curuá
- 12 Bosque de Wire pajé (Território de coatá)
- 13 Travessia do Ig. Y pirang
- 14 Travessia do Ig. Kuremboty
- 15 Bosque de Wire'a tawa



BATU IJAWO KARU TUPA AMU RAHY KURIRI

Kare pe aha a'e pire kō a'u kwata kō awe a'u.

A'e kapit nowe a'e pe katu kō akapit nowe.

A'e ajoywy rahy a'e ajoywt a'e ūty de'orehe akapirane.

Ūty aha rahy a'erame aha nowe Kare ty.

Katu iko ipy u'i araha rane.

Ōj ikoba de'ok a'epeno japo u'i ajapo.

Arape tenono mo'ereke erupa wi a'e katu pe teno arera'u.

Buruwa wi kuriri aha rane akit ki'a pe akit.

Ko'eme kwata ajajawy aeket a'e ajuke erowohem akit.

Ki'a pe nowe akirane ajiri ajot tijahu a'erame ajot ajiwt.

Ōj dahakiri tite ōj kwata keme.

Ji Buruwa dajkoj a'e dahakiri.

Kare pe kwata keme ji iko a'e dahakiri tite kwata rehe kwata rekoha pete kuriri ji abuhu ajtyk.

Ūty aju a'e pire dajkoj a'erame Kare pe ajtyk.

PORQUE KARU QUERIA TER MAIS UMA ALDEIA

Quando fico na beira do rio Kare, eu como muito peixe e muito coatá. Lá, eu também trabalho na minha roça. Quando eu quero voltar para a aldeia Buruwa, eu venho e trabalho na mandioca plantada aqui. Depois, quando eu quiser ir para lá de novo, volto para a beira do Kare. Antes a roça era muito nova, então eu levava farinha. Agora já tem bastante mandioca e eu faço farinha lá mesmo

Agora, eu saio para caçar durante o dia e volto para comer em casa. Antigamente eu saía da aldeia Buruwa para caçar e dormia na mata. Ia procurar macaco coatá, dormia na mata e voltava para casa de manhã cedo.

Por isso, eu não preciso dormir fora de casa na estação do coatá gordo. Eu não fico na aldeia Buruwa nesta época do ano, então não tenho que dormir fora de casa. No tempo do coatá gordo eu agora fico na minha aldeia nova na beira do rio Kare, então eu não durmo na mata por causa do coatá. Foi no lugar onde o coatá vive que eu fiz a minha nova aldeia. Quando eu ficava no Buruwa não tinha peixe, por isso que eu abri aldeia no Kare.

ESTAÇÕES E RITMOS DAS ATIVIDADES PRODUTIVAS

O caráter sazonal de alguns recursos dos quais os Zo' é se utilizam conforma a dinâmica de circulação das famílias pelo território e também repercute nos movimentos de aproximação e distanciamento entre essas famílias.



No tempo das chuvas, de fevereiro a julho, que acontecem os períodos mais prolongados de dispersão das famílias pelo território, quando são realizadas grandes caçadas, principalmente de coatá gordo e de tucano. No início das chuvas, as famílias também se deslocam para a beira de igarapés, aproveitando o volume das águas para caçar urubu-rei, usando peixes podres como iscas. Instalados nos acampamentos, retornam às aldeias para buscar farinha, preparada com antecedência e estocada nas casas; quando ela acaba, permanecem alguns dias para preparar mais farinha, beiju e tapioca.



O período ideal para a caça de *kwata* (macaco-aranha ou coamba) vai de março a maio, período denominado *kwata ike*, quando estão gordos. Montam-se acampamentos específicos, de onde os homens saem para as serras, em busca dos macacos. No final desse período, em maio, tucanos, araras e papagaios já estão comendo frutas de palmeiras. É a estação chamada de *token ike*, do “tucano gordo”, que dura cerca de um mês e meio, quando bandos numerosos de aves vêm comer patauá ou açai, em locais de concentração de frutas. Já é no final da estação chuvosa e início da estação seca que porcos queixadas e caititus estão gordos, motivando saídas frequentes de grupos de homens nas trilhas das varas de porcos.

Entre os recursos mais valorizados nesse calendário do tempo das chuvas, a castanha-do-Brasil é um alimento básico na dieta. Os Zo'é colhem os ouriços a partir de janeiro e consomem amêndoas em profusão durante toda a estação chuvosa; durante o verão, colhem ouriços ainda verdes e continuam comendo castanha o ano todo, em preparos diversos com produtos da mandioca ou carnes.

Como é também nesse período que muitas frutas amadurecem, é comum interromper o movimento de dispersão entre acampamentos para realizar uma festa, quando se distribui grande quantidade de bebida fermentada *sepy*.

A **estação seca**, de final de julho até o início de janeiro, é marcada pelo trabalho nas roças. É quando a vida nas aldeias se intensifica, sendo um período de maior aproximação entre grupos familiares. Isso não significa que as famílias não mantenham, no verão, outras atividades que as leve a deixar a aldeia. Saem para buscar frutas da estação, como o açaí que é trazido em grandes cachos. Mas sobretudo saem para pescar com timbó, com anzóis, ou ainda com flecha ou zagaia.



BATU IJAWO HUN TUPA AMU RAHY NOWE

Sarapejugity pire uhu iko a'ety te aha pirewa ate aha.

Pirewa aha kwata a'urahy a'e kwata awe ajuke.

Narerupi iki'e dajkoj sesē'ēj dajukej a'erame te ji Sarapejugipi aha.

Kuriri A'y Sarapejugawi pohirane a'erame kwata iko uhu.

Iko uhu e'e rane bebyraret.

Iko uhu jiapyt.

Misãw mi awi kuriri apohit kwata iko uhu iii.

PORQUE HUN TAMBÉM QUER TER OUTRA ALDEIA

No igarapé Sarapejuk tem muito peixe trairão, é lá mesmo que eu costumo ir pescar. Vou lá comer peixe e, se quero comer coatá, caço coatá também. Na aldeia Naret não tem caça muito perto, eu demoro de achar caça. Por isso é que eu vou para o igarapé Sarapejuk. Faz tempo que A'y abandonou a região do Sarapejuk, então lá já tem muito coatá de novo. São os filhos daqueles que ficaram. O lugar da Missão, que a gente abandonou há muito tempo, já tem muito coatá!



No verão, também acontecem expedições de caça, em geral mais curtas e só entre homens, já que as mulheres ficam nas aldeias cuidando das roças. Além disso, como muitas famílias mantêm cultivos em mais de uma aldeia, deslocam-se para dar conta de todas as roças. O corte, queima e limpeza das roças se prolonga até dezembro, meados de janeiro, quando a castanha está de novo madura, e os Zo'é limpam a roça da mandioca que brotou e fazem novo plantio.



A mandioca é o principal cultivo, com uma variedade de produtos: farinha, beiju, tapioca, tucupi. As mulheres, inclusive com colaboração dos homens para ralar as raízes, dedicam muito de seu tempo ao processamento da mandioca: descascar, ralar, espremer no tipiti, peneirar, torrar farinha.

Os Zo'é também cultivam pimenta, batata doce, cará, banana, mamão, caju, goiaba, graviola, manga, urucum, algodão, cuia, cabaça, curauá e cana de flecha.



Diretrizes para a gestão socioambiental da TI Zo'é



1 TYTYTE JO 'E IWANA KŌ IKO

Je ije ijyj

Tytyte ate jo'e iwana kō.

Tytyte teno tupa rahy a'erame te ije ije ijyj.

A'erame te awa pepehī tupa. Ije ije ijyj te.

A'erame te katu amuramu japo a'e ate katu piahuramu iko.

Biterupi te rupa e'i awa kō tyte nowe te rupa eta e'i.

Muhabairi te tupa oetyk a'e te tupa ikuha.

Amu iwan pyta puku amu pyri a'e datupajikuha potari.

Paradu iko a'e mopy'amuhu.

Paraduba iri pohihit.

Ejorane terepytywū e'i nowe ihera rehe a'e nipy'amuhu.

Iko potat sepy a'e ohemuhu nowe.

Dapytaphine'e rane awa amu sepy rehe.

Ohēba gatu e'e.



Batu ijawo jo'e kō tupa amu amu rahy

Kwahe'e tenono awa kō tupa amu amu.

Dotupa ihoj wi jo'e kō.

Mo'e rekoha pe te jo'e amu amu tupa.

Mo'e kō rekoha pe te jo'e katu oetyk.

1 COMO VIVEMOS NOSSA MOBILIDADE TERRITORIAL

Espalhar-se

Nossos grupos vivem em lugares separados. Apenas desejam viver em seus lugares, por isso se espalham. Desse modo, cada um tem a sua morada, espalhando mesmo. Assim vamos abrindo mais e mais aldeias, tendo aldeias novas.

“Faz sua aldeia ali no meio, afastada”, dizemos, “para você ter várias moradas também”. Depois de refletir bem é que abrimos uma nova aldeia; só então sabemos onde morar. Quando a gente fica muito tempo com um pessoal de outra aldeia, a gente acaba sem saber onde mora.

Quando precisamos discutir algum assunto importante, nos reunimos todos. Terminada a reunião, a gente se espalha de novo. “Vem cá me ajudar” dizemos também, quando vamos fazer canoa, e então nos juntamos. Se vai ter festa, vem muita gente também. Quando tem festa, absolutamente ninguém fica sozinho, vem mesmo todo mundo.



Porque cada um de nós deseja ter muitas casas em lugares diferentes

Ultimamente, a gente vem abrindo muitas aldeias novas. Nós não deixamos de viver assim. Sempre fazemos outra casa nos lugares onde tem caça. É nos territórios de caça que abrimos novas aldeias.

1 TYTYTE JO 'E IWANA KŌ IKO

Kare pe ōj tupa rahy

Kuriri jo'e Kare rehe katu dabuhuj rane.

Oho tenōrane pire wa kuriri.

Kwahe'e te katu jo'e oetyk Kare pe.



Repekuru pe ōj tupa rahy.

Ihat japoba rane ajiri jo'e kō pyta Repekurupe.

Kuriri jo'e kō oho Repekurupe a'erame pire rekoha kuha rane. A'erame jo'e kō tupa rahy e'e ōj.

Queremos ter nossas aldeias da beira do Kare

Antigamente nós não colocávamos aldeias na beira do rio Kare. Já faz muito tempo que vamos até lá para fazer as nossas pescarias. Então recentemente decidimos abrir aldeias lá também.



Queremos ter nossas aldeias na beira do Erepecuru

Depois que passamos a fazer canoas, nos estabelecemos também no rio Erepecuru. Muito antigamente já íamos no Erepecuru e desde então sabemos que é lugar de muito peixe. É por isso que agora queremos ter casa lá também.

2 JO'E REKOHA BA'UHA

Ijerate wekoha ba'u

Ijerate jyjywy potat.

Amu kō dijeri a'erame oho marahape tenono.

Ijerate e'i rame Punaj oho potat.

Kirahi teno iko a'erame Punaj ohopotari bodo.

Garĩperu ba'uha

Repekuru ywyty mo'ereke oroho kirahi ewe ba'u tĩ.

Pirepoj oroho, kirahi ewe ba'u.

Garĩpu kome a'u bodo arerate õj jaba'u.

Repekuru reapyty ba'uha

Repekuru reapyty dajkoj rane kirahi a'erame dajaba'uj rane.

Awa kō dajaba'u'ej lkireoj.

Hajupe muang ijawu nono a'erame dajaba'uj tĩ.

Jĩmerane'ej wi baja.

Wahẽjĩmipotat baja ite.

Ikireoj ohem nopaikõj a'erame jiwu tenono oho a'erame a'e pete.

2 COMO FAZEMOS A VIGILÂNCIA DO NOSSO TERRITÓRIO

É o dono mesmo que cuida

O líder responsável por cada região é quem deve ir e voltar com frequência naquela parte do território. Outros líderes irão de vez em quando apenas. Quando o responsável disser, a Funai irá. Quando tiver algum invasor, então a Funai vai até lá mandá-lo embora.

Vigilância contra o garimpo na região sul

Quando vamos caçar pelo rio Erepecuru abaixo, ficamos atentos para presença de não-índios. Se vamos pescar, também tomamos cuidado. Nós continuamos preocupados com o garimpo que foi retirado desta região há pouco tempo.

Vigilância na parte norte do rio Erepecuru

Rio Erepecuru acima não há não indígenas, então a gente não se preocupa muito. A gente não se preocupa mesmo com os Tiriyo. Eles falam sempre no rádio, por isso não nos preocupamos mesmo. Achamos que ainda não fizeram nenhum estrago no nosso território. Virão escondidos, talvez. Se os Tiriyo vierem sem mexer em nada e depois forem embora, então será adequado.



2 JO'E REKOHA BA'UHA

Kare repirakeng jo'e oahu rane

Mo'erupa'e'e'e'e ate Kare repirakeng

Erepekurure tik kwata doahaj kyky doahaj ke'i doahaj

Tapi'it tik oaha tajahu oaha nawi oaha aiki

Bokotywite mo'e kō ohem

A'e jerehe Kare repirakeng mi katu ojtyk a'e mo'e kō oho kubuku potari ijã

A'e kirahi rupa pe mo'e kō pyta potat

Kare repirakang ba'uha

Kare repirakang rekohaty oroho nono mo'ereke.

Pe teno ohopukupotat a'e upi oroho jyjywyt nono tenono.

Õ rupi mo'e iko uhu rane kwata kō awe iko uhu rane.

Õ rupi y ra'yt repirakang kwata rekoha ate.

Kirahi ba'uha awe pe jabobupotat.

Õj jĩmerani wi rane kirahi kō nomomerani wi a'erame a'epete rane.

Õjairi meran potarabot a'erame da'epetej.

Kiramãty joa'yra ra'yra kō kwata uha rapyj japopotabaja ite.

2 COMO FAZEMOS A VIGILÂNCIA DO NOSSO TERRITÓRIO

Reservamos mesmo a região norte de nossa Terra Indígena

É lugar de caça meeeeeesmo as cabeceiras do Kare, no norte da Terra Indígena

Os coatás não atravessam o Erepecuru, os guaribas não atravessam, os macacos-prego não atravessam.

As antas atravessam, queixadas atravessam, jabutis atravessam, esses aqui atravessam. É de lá mesmo que as caças chegam até nós. Portanto, se abriremos aldeias na região das cabeceiras do Kare as caças irão para longe, elas ficarão fora de nossa Terra Indígena, no território dos não indígenas.



Vigilância nas cabeceiras do Kare

Na região das cabeceiras do Kare a gente costuma ir caçar. É um caminho de caça que vai longe e por ele a gente vai e volta frequentemente. Nessa região tem muita caça, tem muito mesmo coatá. É região de cabeceira, por isso que é mesmo território de coatá.

É também para vigiar contra invasores que continuaremos abrindo caminhos de caça. Até agora, eles ainda não fizeram estrago nessa região. Por isso é uma região muito boa. Se estragarem, aí não vai ser bom. No futuro, nossos netos provavelmente vão abrir acampamentos de caça de coatá nessa região.

2 JO'E REKOHA BA'UHA

Kare ywyty ba'uha

Kuminapanema hembra reapyty kirahi nohemi wi a'erame jīmerani wi.

Tararī heba ywyty merāba.

Kwahe'e tenono merāha jo'e kō kuhaba.

Oroba'u e'e kirahi ejwype ji'ikiha.

Oroho nono potat kirahi oroba'u.

Ereta uhu rewe aha potat.

Moto rehe jo'e kō kuriri muhaha

Jo'e ate muha.

Jo'e te sa moto rehe muha.

Muha e'e potat a'e paradu.

Paradu a'e Punaj aru potat e'i.

Ijēru iko a'erame arut potat e'i
Punaj jo'e pe.

Ajiri Punaj oerure'e.

Iepe iwana kō awe oeru nowe.

A'erame jo'e pyhyk.

A'e ōj Kare iwana jo'e kō moto reko nowe.

Tararī iwana jo'e kō moto reko nowe.

Repekuru iwana jo'e kō moto reko nowe.

Moto reko rame y rupi eataha a'epete e'e.



2 COMO FAZEMOS A VIGILÂNCIA DO NOSSO TERRITÓRIO

Vigilância na confluência Kare-Cuminapanema

Os não indígenas ainda não vieram até a região acima da boca do Kare, por isso ainda não entregaram nada. Abaixo da boca do Tarãĩ, já mexeram. Foi há pouco tempo que soubemos desse estrago.

Nós estamos bem alertas contra a entrada dos não indígenas em nossa terra. Nós iremos regularmente verificar se há invasores. Iremos sempre em grande número de pessoas.



Há muito tempo pensamos sobre os motores

Fomos nós que pensamos. Os Zo'é mesmo pensaram sobre os motores de popa. Pensamos muito. Queríamos, então buscamos conversar com a Funai.

Conversamos com a Funai local, e eles disseram que nos trariam motores. Quando tivesse dinheiro disponível, eles trariam nossos motores, nos disseram. Depois a Funai trouxe mesmo, o lepé trouxe também, então nós passamos a ter.

Agora os Zo'é que tem aldeia no rio Kare já tem os seus motores. Os Zo'é do rio Tarãĩ também tem os seus motores. E os Zo'é do rio Erepecuru também tem os seus motores. Agora que temos motores de popa, o nosso deslocamento pelos rios é satisfatório.

2 JO'E REKOHA BA'UHA

Haju rehe jo'e kō kuriri muha

Kuriri jo'e haju potaripy.

Boj desu'urame te deawu e'i Punaj a'erame jo'e muha.

A'e erut ji rehe ehu kuriri Punaj pe.

A'e ōj jo'e kō reduha te haju iko rane.

Ajiri Punaj akō oeru rane.

Kwahe rame lepe iwana oeru tute rane.

Haju kō jupota rame a'e kirahi kō piahu tokonan rane ijapyt.



2 COMO FAZEMOS A VIGILÂNCIA DO NOSSO TERRITÓRIO

Há muito tempo pensamos nos rádios

Faz muito tempo que nós começamos a querer ter rádios. Os servidores da Funai nos diziam “o rádio é para a gente avisar em caso de picada de cobra”, então começamos a pensar sobre isso. Então dissemos “traga também para mim”. A Funai trouxe primeiro e depois o lepé também nos trouxe rádios. Hoje a nossa comunicação por rádio existe de fato. Quando os rádios ficarem velhos, os nossos parceiros não índios deverão substituí-los.



3 Jo'e PARADUHA

Kuriri warabyra rehe

Kuriri warabyra rebiapo arera te òj jakuha oket.

A'erame te dokuhaj wi mopore te kuha.

Emuha katu ejikihe rame eredaweripi terekuha e'i.



Batu jo'e kō paradu tute

Jupi jepe niwyj a'erame a'epete paraduha.

l'y kō iwuj ape poradu gatu.

No iwana paradu a'e kirahi ymimi tenono jo'e kō paradu.

Orerajyra rehe ruwã sa kirahi ohem paradu.

Oreremi'u ram rehe kirahi doparaduj se.

Joheha rete ore tenono paradu.

Amu kirahi ohem tenono a'erame da'epeterabori.

Punaj orekō pyri ohem pyta orerekoha ba'uhamu.

Sauji ahyma ba'uharate ohemptya.

Porobokatuha kō rehe lepe iwana paradu jorupa kō resaha rehe paradu.

3 COMO NOS ORGANIZAMOS

A respeito dos antigos

As coisas que os nossos antigos faziam, nós seguimos buscando conhecer. É assim que aprendemos. “Pense direito, para depois que eu morrer você fazer em meu lugar”, costumamos dizer para os jovens.



Como conversamos entre nós

Quando os nossos pensamentos seguem uma mesma direção, a conversa é adequada. Quando é de acordo com o pensamento dos chefes, a conversa é boa.

Não precisamos dos não-índios quando fazemos conversas sérias entre nós. Quando discutimos assuntos relacionados ao casamento de nossas filhas, os não-índios não devem entrar na conversa. Tampouco discutimos com os brancos sobre o modo como produzimos a nossa comida. Só entre nós é que conversamos sobre como as pessoas devem ser boas.

Os não índios não devem vir aqui à toa, devem vir para colaborar. A Funai fica junto da gente por um motivo: para cuidar de nossa Terra Indígena. O pessoal da saúde também, conversa conosco a respeito do tratamento das doenças. O lepé nos ensina várias coisas, conversa sobre entender o nosso território.

3 Jo'e PARADUHA

Batujiawo haju orepotaruhu

Kuriri haju dajkoj rane a'erame maran aedutuwej.

A'erame daparadusajāj.

Pahu ahiha rehe daparadu sese'ēj.

Takuha dobobe'usajāj.

Jikihaha dakuhasajāj.

Boj porosu'uha reduha, amu mo'e kō dakuhaj sajāj nowe.

Kuriri ore mo'e reduha dajkoj rane a'erame muang kirahi ore mo'e reduha bobe'u a'e iko.

Jyk apoha kuhaha

Kuriri tamo abyra kō jyk oropikē.

Arera popype a'e ōj jo'e kō o'ok.

Oroho jygyty a'e erupijan kō oho uhu nowe.

Wahy jyk pikēha.

Iko uhu jo'e rekoha a'e jyk dopaj tite jyk.

Jo'e rekohape jyk iko jyk rehe ore awu jupe ejapo tapima a'e jo'e kō pe.

Kujā kō jygapohara kō kuha uhu.

Amu kō dokuhaj a'e jygapohara kō bokatu.

3 COMO NOS ORGANIZAMOS

Porque precisamos nos comunicar bastante pela radiofonia

Alguns anos atrás não tínhamos acesso à radiofonia e aí não se ouvia bem sobre as coisas ruins. Então não conversávamos rápido sobre essas coisas. Não nos comunicávamos rápido sobre pesadelos de presságio. As febres, não comunicávamos rápido. Não sabíamos rápido sobre mortes. Ouvir sobre picada de cobra, não ouvíamos rápido sobre outras coisas também. Antes não havia esse meio de ouvirmos uns aos outros, então os nossos parceiros não indígenas nos trouxeram os rádios.



A respeito da produção de cerâmica

Hoje nós coletamos argila ao lado de onde os nossos falecidos avós já faziam isso. Nós vamos até o local de coleta com bastante gente, pois é muito difícil cavar argila.

Tem muita argila no nosso território. Não acaba mesmo. “Façam panelas para nós”, costumamos dizer para aqueles Zo’é que tem locais de coleta de argila na sua própria região. As mulheres que produzem cerâmica são grandes conhecedoras. Se alguma mulher não sabe, então as ceramistas lhe ensinam.

4 IKUHA OKEHA

Ejot saesa gatu kisiweha

Kuriri te jakuha rahy tī kisiweha.

Õj jakuha rabot e'i jo'e kō.

Kwahe'e no lepe kō ohem a'erame
lepe kō jo'e kō bokatu a'erame te
jokisiwetī torokuha jawo.

Kisiwemoporera kō ate totut
tokisiwet e'i jo'e kō.

Amu katu pora kō awe tokuha a'e.



Name e'e'e beraj ene ta'ynate kisiweha terekuha.

Ta'yna kō kisiwerane ajiri oho potat mo'ereke ajiri kapiroane de'orehe a'e
pijera nono potat.

Name pohit mo'erekeha wi a'e.

Õj lepe kō iko a'erame tapyj uhu wyripi lepe pyri jakisiwerane a'erame jo'e
kō nipy'amuhu kisiwet.

Ajiri lepe kō upa upa ty kisiwepotat.

Sātarē ty lepe kō oho rane a'erame jo'e kō kisiweriwi potari no.

Dokuhaj moporera jakuha oket jo'e kō ate.

A'erame jo'e kō kuha potat.

4 COMO BUSCAMOS CONHECIMENTOS

Para sabermos ler e escrever

Já faz tempo que queremos muito saber ler e escrever. “Hoje eu já poderia saber”, dizemos agora. Só muito recentemente o lepé chegou aqui e começou a nos ensinar. Agora escrevemos com dedicação, para aprender.

“Vocês que já começaram a ler e escrever, venham”, nós falamos. Para que pessoas de diferentes aldeias aprendam.

“Não fique de brincadeira você que é mais jovem, para você aprender a ler”, nós dizemos. Os jovens vão estudar, depois caçar e depois trabalhar a mandioca. É para ser assim sempre. Não é para deixar a caça de lado.

Quando a equipe do lepé está aqui, nós lemos e escrevemos junto com eles na Casa dos Mapas, que fica no Kejã. É quando a gente se reúne para isso. Depois, a equipe do lepé ensina também nas aldeias. Quando eles voltam para Santarém, nós continuamos estudando. Os que já aprenderam procuram ensinar os que ainda não sabem. É assim que vamos aprender a ler e escrever.



4 I KUHA O KEHA

Awa amu kō rupaty jo'e kō oho rahy tī

Wajāpi rekoha rupijera te jaesa gatu kuha.

Arera iki jywyrowahem Kejā pe a'erame te jo'e dohoj moporera rebidumu jo'e bobe'u.

A'erame te dohomoporet kuha potat nowe.

A'epete a'e rupijera nono potat.

Torokuha jawo te toroho awa amu kō rupaty.



4 COMO BUSCAMOS CONHECIMENTOS

Queremos conhecer onde os outros povos vivem

É como daquela vez em que fomos ao território Wajãpi. Quando os Zo'é voltaram para o Kejã, contaram do que viram para os demais, então os outros, que não foram, também passaram a conhecer.

Assim está bem e deve acontecer mais vezes, sempre. É para todos termos conhecimento que devemos ir visitar outros povos.



Jaba'u kuha e'e ahyha

Jakisiwe rahy õj.

Kuriri jo'e kujã kõ e'i ike korok a'erame sibo'y pe jahak.

Kujã piahu ate e'i ike korok a'erame jahak piji rehe jahak.

Piji rehe dojahagi a'erame piji wejki uhu jo'e kujã pirirape.

A'erame ahy ahy pokawen iko nowe.

Aijerehe jo'e kõ dojahagi baja a'erame jo'e mono baja kuriri.

Amu ramu jo'e tajahu juke a'erame jo'e sibo'y pe jahak nowe.

Jo'e ta'yn tajahu juke ajiri takit jawo kihe pe o'a a'e doebojerej.

Ikawen ijapat potat.

A'erame doebojerej wahy a'u.

Bijere tisu a'erame ikawen ijapat.

Wahy a'u tajahu jukeha.

Tajahu jo'e ta'yn juke a'erame jahak tute e'e'e rane.

Jahak teno kuriri warabyra kõ a'erame jo'e jahaba.

A'e jo'e tipijei pyhyk a'erame jo'e tapekwa rehe pysok.

A'erame ate jo'e opiopi opiopiba a'erame a'epete'e rane. Tipijej pe jo'e tajahu jukeiri jijipi.

Tajahu juke awet muang jakisiwet.

Bokope rane baja a'epete'e rane kisiwet iko.

Nós sabemos nos cuidar

Queremos escrever sobre isso agora. Desde antigamente, quando as mulheres Zo'é dizem "chegou a menarca", todos nós nos banhamos com *sibo'y*. É a própria jovem quem diz "chegou a minha primeira menstruação", então a gente se banha, por causa do cheiro *piji*. Se não nos banharmos, então esse cheiro penetra na pele da moça, e ela também sente dores nos ossos das mãos. Talvez muito antigamente não banharam e por isso até mesmo morreram.

Tem outra situação. Quando um jovem Zo'é mata porco-queixada, também tem que banhar com *sibo'y*. Quando ele vai se deitar, não pode ficar se virando na rede, senão seus ossos ficarão tortos. É um pouco difícil ficar sem se mexer, mas se ele ficar se virando, seus ossos vão entortar.

Queixada é difícil de matar. Quando um jovem mata queixada, ele toma um banho completo com *sibo'y*. Os antigos faziam assim, por isso hoje todos nós banhamos. É quando nós pegamos as formigas *tipijej* e prendemos em um trançado de tucum. Então aplicamos no rapaz. Assim é que está certo. É com a formiga *tipijej* que os Zo'é, depois de matar queixadas, são picados. Escrevemos sobre matar porco-do-mato. Isso é tudo. A escrita está correta.



5 SAUJI

Boe'uha rehe pytywū rane

Dahyjājāe'ej jo'e kō. Jaba'u a'erame dahyjājāe'ej. Ba'u e'e kwata ihy kō. Ōj teno te jaba'u iwi. Dajaba'u ihoj.



Niāhy ijet ba'uha kō iko nowe. Sauji boe'u nowe. A'e Sauji muha boe'uhu tī hemeju a'e dopaj ahy. A'e ate towari jo'e tykwat a'e te jo'e we'u.

Boe'uha rehe pytywū rane a'erame niāhy opa.

Mo'e ihy nowe jo'e towari peju a'e mo'e ihy ohem a'e opa rane ahy.

Ahy tenana a'e Sauji boe'u tī a'e muha dopaj ahy a'e botowari tī.

Ahy dopaj a'e kuha.

Mo'e ihy tenana iko tasing mo'e ihy sese'ēj ohem.

Ahy tenana a'e dopaj towari rehe dopaj pyta tenana ahy.

A'e bewe tenana opa.

Sauji boe'u iwi daboe'uihoj a'e bewe ahy opa.

Ore kō rehe pokuhaba a'erame iho'eha dopotari

Jo'e rehe Sauji iwana kō owaba a'erame jo'e dapotariho e'e ha.

Jo'e awu kuhaba moporera hoha dapotari.

Ajiri poroboe'uha pياهو ohem a'e konan pياهو ohem a'e bewe pyta puku bewe baja jo'e awu kuha potat.

Ohējājā a'e jo'e pokuha. Aijerehe Sauji pياهو jepe iki ohem a'e dakuhapotari boe'uha dokuhapotari boe'uha bobē'u apa potari.

5 COMO CUIDAMOS DA NOSSA SAÚDE

Nossos modos de tratar ajudam a manter saúde

Nós não costumamos ficar doentes, porque tomamos os nossos cuidados. Tomamos muito cuidado com o princípio agressivo do coatá e de outros animais e plantas. Hoje nós nos cuidamos e vamos continuar nos cuidando.

Nós temos com o que nos proteger das dores de barriga. A equipe de saúde tem também outros remédios. Então eles pensam bem e nos dão os remédios alopáticos. Mas se a dor não para, nós usamos o sumo do tauari. Isso ajuda a medicação, então a dor acaba.



Contra dores que são causadas pelo princípio agressivo de animais e de plantas, nós sopramos a fumaça do tauari, então a agressão vem para fora e a dor para. Quando sentimos uma dor contínua, então a equipe de saúde nos medica. Mas nós pensamos e, se a dor não cessa, então sopramos a fumaça do tauari. Se ainda assim a dor não para, então já sabemos.

A dor que é mandada por animais ou por plantas vai logo embora quando usamos tauari. Mas se é uma dor insistente, se o tauari não faz ela parar, aquela dor fica. Então vai demorar de passar. A equipe de saúde continua medicando, não para de medicar, e devagar a dor acaba.

Quando os profissionais da saúde já se acostumaram ao trabalho conosco, não queremos que sejam trocados

Quando profissionais de saúde já se acostumaram a nós, não queremos que sejam trocados. Aqueles que já sabem falar a língua zo'é não devem ir embora.

Quando chegar um novo profissional de saúde, ele vai levar bastante tempo até aprender a nossa língua. Tem que vir regularmente para se acostumar bem a nós. Se ele trabalhar junto com quem já sabe por um tempo, deverá aprender. Por isso, se ficar sempre trocando as pessoas da equipe, eles não vão saber nos medicar, vão nos medicar errado.

5 SAUJI

Sauji iwana kō towata rane

Nohemenono rahyj Kejā pe.

Dodu rahyj wi tī a'erame wasina e'i a'erame didewori ut.

Ure'e rahy a'e tenono aje okit aje okit a'e Kejāme ohem.

Repekuru rupi eho rekorame wasina iko.

a'e sauji iwana kō toho Repekuruty Pupuruni katu pe. Kare katu pe we toho.



Sauji rehe

Potanowe Sauji rupi jo'e kapiha.

A'erame te Sauji rupi te kapit moporet jo'e kō boe'uha te kuha potat.

Tono ba'uha

Kirahi kō tonon reruha jo'e kō ba'u e'e.

Aijerehe jo'utu kō kirahi kō ikorong toesa nono e'e a'e.

5 COMO CUIDAMOS DA NOSSA SAÚDE

A equipe de saúde precisa circular

Não queremos ficar sempre vindo para o Kejã. Se ainda não é o momento adequado, não temos disposição para vir. Quando temos razões para vir, nos preparamos para chegar no tempo certo.

Se tem campanha de vacina enquanto estou no rio Erepecuru, então a equipe de saúde poderia ir até uma das aldeias daquela região. O mesmo deveria acontecer na região do rio Kare, onde ficam outras pessoas.



A respeito dos serviços de saúde

Também queremos que os Zo'é trabalhem junto com a equipe de saúde. Então aqueles que trabalharem junto vão aprender a medicar.



Cuidados com gripe

Ficamos muito preocupados se pegamos gripe. Por isso os não indígenas que vem para a nossa terra devem sempre fazer a consulta médica.



6 Jo'e kō iko tute'e potariwi kiramāty

OREREMI'U RUPA REHE

Katu ram katu'ymi

Jo upady ramete ywyteng y rabe'y ikeha pe.

Jo upady ruwā sa jiki.

Jiki rehe titisu awa tupa a'erame jo a'yt o'apotat.

Ywy pirang a'erame de'ok dopotari.

A'erame taperera ja mu'an iserak a'e pe katu jajtyk.

A'erame okej a'erame de'ok jajaty a'erame aman okyt a'erame de'ok ory.

Kunanady katu dajaetygi.

Ipody pe katu dajaetygi.

Wire hūhūdy pe katu dajaetygi.

Sasarity pe katu dajaetygi.

Tedy pe katu dajaetygi.

Poturudy pe tik katu ram jareko.



NOSSAS ROÇAS E CAPOEIRAS

Onde é bom abrir aldeia e onde não é

Sempre desejamos abrir aldeias em lugares planos e perto de igarapés. Nunca colocamos casas em encostas de serras. Se se faz uma casa em encostas, aí nossos filhos podem tropeçar.



A mandioca não gosta de terra avermelhada. Por isso, é em lugares limpos, parecido com lugares por onde já moramos, que abrimos aldeias. Aí queimamos e plantamos mandioca, aí a chuva cai, e a mandioca fica feliz.

Em bosques de palmeiras cunanã não abrimos clareiras. Em cipoais não abrimos clareira. Em matas de árvores grandes não abrimos clareira. Em lugares com pedregulho não abrimos clareira. Em lugares com grandes pedras não abrimos clareiras. É em bosques de poturu que procuramos abrir nossas aldeias.



6 Jo'e kō iko tute'e potariwi kiramāty

Batu ijawo ore jyjwyw taperera kō pe

Wywa rupa rame te taperet jakapit a'e juwi te awa kō dopohiri.

Tapereraret temi'ū rete awa kō jyjwywt.

Kuriri joabyra remi'ū pora arera tapereramu ijaja ity uhu.

Kuriri jotaperera rupi pako tume wete iwi.

Areripi jaetyk a'erame ko ory.

Pako bohyk awa oho a'e mo'e pako titik jaesak.

Taperera awa kō oho ka'i jaesak a'ehapewe jakamī jajuke.

Tapererarera pewe kusi narō takumā rehe.



6 COMO MANTER NOSSA QUALIDADE DE VIDA

Porque sempre voltamos nas nossas capoeiras

Quando ficarem velhas, nossas aldeias serão lugares de cana-de-flecha. A gente não deixa nossos flechais, cuidamos deles.

A gente volta sempre às capoeiras por causa de comida. Há muito tempo, nas capoeiras, o inajá se alastra, nascendo das sementes da comida de nossos falecidos.

Ainda há banana de muito tempo pelas nossas capoeiras. A gente continua limpando, e aí nossas antigas plantações seguem felizes. Quando vamos atrás de banana, ainda vemos algumas bananas.

Vamos nas capoeiras procurar macaco-prego, e acabamos matando mutum também. Nas capoeiras também fazemos espera para cutia, porque tem bastante tucumã.



6 Jo'e kō iko tute'e potariwi kiramāty

Mo'erekeha

Mo'erekeha rehe jakuha oket

Kwani kō juke titik rasirik.

Dajukekuhaj rane a'e
dajukej rane.

Jukekuha a'erame ate
juke.

Ajiri puku a'u a'e
kubukuty oho tu rupi te
ohorane tu rupi oho nono.

Ajiri puku ijapyt tarak a'e
dakiji.

Jawara i'uha tu ba'u.



Jo'e kō watapuku rahy

Y typarame te jo'e oho pirewa kubuku a'u oho a'erame pire dipajej e'e.

Pire uha pe mytū juke ra'e ran nowe.

Be'y rupi te awa kō oki okit katu kō kupej.

Aijerehe jo'e watapuku rahy iherape.

Oho uhu ate awa tahī kō awe kwani kō awe.

Kwata keme jo'e odyj ane

Kwata ke rame rehe oho oho rane awa kō upa tite oho rane.

Pepehī rane oho upaty.

CAÇANDO E PESCANDO

Ensinamos os meninos a caçar

Os meninos começam caçando passarinho. Quando ainda não sabe, não caça. Quando aprende, então vai caçar. Depois que cresce um pouco vai indo mais longe na mata, sempre junto com o pai. Depois cresce um pouco mais, se enrijece e não tem mais medo. O pai vai junto porque na floresta tem onça.



Desejamos sempre andar longe

No tempo da seca nós vamos fazer nossas pescarias. Vamos mais longe, onde a pesca é mais farta. Quando vamos pescar longe no verão é que também queremos caçar mutum. Então acampamos na beira do rio, longe das aldeias. É por isso que queremos ir bem longe com as nossas canoas. Vamos em grande número, as crianças vão também.

A gente se espalha na época do coatá gordo

No período do ano em que o coatá engorda, a gente se espalha por nossas diferentes áreas de ocupação. Vai cada um para sua região.

6 Jo'e kō iko tute'e potariwi kiramāty

Dajkopy'uj mo'ekō Kejā rupi

Iko uhu rane mo'e kō kuriri Kejā pe. Ōj dajkoe'ej. Pyta uhu ti so a'erame jukeba iram. Pehi katu pe iko uhu awa kō a'erame oho mo'ereke oho mo'ereke oho mo'ereke. Jukeba a'e dajkopywyj mo'e kō.

Mytū kō dajkoj a'erame dajukej. Jakamī dajkoj jōwe. Tapi'ira kō ajuke rabori jō, daesagi tenono. Ihu kō ajuke rabora'u jō, daesagi e'e teno su jō. Manga pe ihu iko jō jepe. Pyhao ihu iko rane. Tapi'it iko tigi jō jepe Kunana Dyary repirakang rupi.

Ajki tenono dajkoj e'e'e. Jakamī amuramu dajkoj, kibuku e'e ty baja jakamī rekoha. Mytū rekoha we kibukuty.

Name pire perohemuhu

Name pire rerohemuhu a'e rupijāna kō pe haju pe ijawu.

Moke'ē potat a'erame erohemuhuha a'epete.

Dapotari nem tenana.

Opot dopaj wi a'e pirepoj jājā dapotari.



6 COMO MANTER NOSSA QUALIDADE DE VIDA

Já tem pouca caça no Kejã

Tinha muita caça no Kejã antigamente. Agora não tem muita. Quando fica muita gente em um mesmo lugar, começa a acabar a caça. Se mora muita gente em uma aldeia só, então um vai caçar, depois outro, depois outro. Mata muito, então não tem mais caça com regularidade. Mutum não tem, por isso não matei. Jacamim também não tem. Anta, eu mataria, mas não encontro. Veado eu até mataria, mas não vi mesmo. Tem sim veado nas matas da aldeia Manga, à noite tem. Anta tem bem pouco, nas cabeceiras do Kunana Dyary.

Só aqui perto da aldeia Manga é que não tem mesmo. Jacamim também não tem, deve ser muito longe o lugar onde o jacamim vive. O lugar onde o mutum vive é muito longe também



Não devemos pescar em excesso

“Não pesquem em excesso”, eu digo para os meus companheiros no rádio. Só quando vai moquear é que se deve pescar bastante. Não quero que os peixes apodreçam. Enquanto a carne não acabou não devemos ir pescar.

6 JO'E KŌ IKO TUTE'E POTARIWI KIRAMĀTY

Kwata tahy e'e

Kwata tahy e'e juke nono a'e kwani kō ihy niwu potat.

Aijerehe tahy e'e dojuke nono rahyj.

Erōwohem ame we kujā boapek.

Najnu puku a'u tahy e'e iko rane mo'e kō ihy.

Mi'u kō ihy iko rane.

Nā awe nanipanaret awe ihy.

Aijerehe kwani dopytite i'aru.

Mosararāba a'erame dihyj.

Opora my'yj ha rehe

Muha gato e'e jo'e kō pijānakō rehe.

A'erame te tajahu rapora kō bodo nimohem e'e.

Tapi'ijuke a'erame jo'e kō kuha uhu nowe.

A'erame te awa kō ebuhuta'u e'i.

A'erame te bodo.



6 COMO MANTER NOSSA QUALIDADE DE VIDA

O coatá é perigoso

Tem coatá que é mais agressivo. Se matamos deste com muita frequência, ele pode flechar e adoecer as crianças. Por isso não queremos matar muito este tipo de coatá. A carne dele precisa ser tratada logo que a caça chega. Essa carne precisa cozinhar por longo tempo. Os animais têm mesmo este princípio agressivo.

As nossas comidas têm mesmo este princípio agressivo. A castanha também tem. Mesmo a casca da castanheira que tiramos para fazer rede, ela também tem. Por isso as crianças não devem sentar-se sobre ela antes de serem tiradas as fibras. Quando retiramos as fibras, então acaba o perigo.



Como distribuimos a carne de caça

Nós pensamos com cuidado nos nossos companheiros, por isso sempre que matamos porco-do-mato, distribuimos a carne. Quando matamos anta também, todos ficam sabendo e logo dizem “manda para eu comer”, então partilhamos.

6 JO'E KŌ IKO TUTE'E POTARIWI KIRAMĀTY

MO'E KŌ MOKONĀHA REHE

Jo'e mo'e bodoha rehe muha gatuha rehe

Muha gatu jo'e kŏ mo'e kŏ mokonāha rehe.

Mo'e kŏ bodo potaha rehe muha gatu nowe.

Ijera pete jo'e ijawu ehe a'erame abodo potat e'i a'e ijet muha gatu nowe.

Tapima hohoj a'e tapima juj nowe konan ohem a'erame ory rane.

U'i ate apotat tapima rekonanamu e'i te.

Tapima ate kona napehē kona nowe tatu kona nowe tapima kŏ ate konanuhu e'e.

Amuramu wywa rehe jo'e wywa dajkoj a'erame perepo bodo. A'erame wywa ohēnowe.

Mi'u kŏ bodo tenono nokonani. Sehi kŏ nokonani o'u tenono.

Baha

Baha ijera ra'u oesa kuhahat iko.

Baha rehe jo'e kŏ muha a'e baha ijera ijawu.

Baha pirang baha byk araku perara jipyri ruwā oesak ijew tenana baha iko.

Mo'ereke oho a'e jo'e baha oesak.

Sese'ēj baha dojihej a'erame baha ijera pe dijawuj.

Jo'e rekoha amope baha iko uhu jo'e rekoha amope baha iko tik.

Jo'e rekoha amope baha dajkoj a'e jo'e ijawu baha rehe perepo rehe mokonan.



A RESPEITO DE NOSSOS JEITOS DE FAZER TROCAS

Refletimos muito quando vamos mandar algo em troca

Pensamos corretamente as respeito das trocas entre nós. Quando vamos mandar algo para uma pessoa, pensamos corretamente também. Falamos diretamente com o interessado, “vou te mandar isso”, então este parceiro pensa corretamente também. Quando se trata de uma panela grande, o pagamento será igualmente grande, então ficamos satisfeitos. “É farinha o que eu quero em troca desta panela”, dizemos sempre.

Trocamos panelas, trocamos torradores também, trocamos tigelas de barro também. É por essas coisas que pagamos mais. Se não temos canas-de-flecha, por sua vez, mandamos penas. Então recebemos as canas-de-flecha em troca. Já se for comida, apenas mandamos, não tem pagamento. Açaí a gente não paga, só come.

Pau d’arco



muito pau d’arco, pelo território de outros não tem. Como no território de algumas pessoas não tem muito, então nós negociamos pau d’arco para trocar com penas.

Existem aqueles que são como especialistas em encontrar pau d’arco. Quando precisamos de arco, aí dizemos para esses especialistas, então eles nos avisam onde tem. Existe pau d’arco avermelhado, pau d’arco escuro, pau d’arco manchado como o peixe aracu. Nós não os encontramos todos juntos, próximos uns aos outros. A gente vai caçar e aí encontra pau d’arco. O arco não quebra tão rápido, então não é sempre que precisamos perguntar aos especialistas onde tem. Pelo território de algumas pessoas tem

6 Jo'e Kō iko Tute'e Potariwi Kiramāty

Kuj

Kuriri iko rane jo'erekuj kirahirekuj dowerurirane jo'e ate kuj iko rane.

Kuj i'y ywy byk tenono potat.

Kuj i'y ba'uhu a'e nomonoj a'erame te kuj iko.

Kuriri tamo abyra kō jaty rane aret juk.

Jo'e rekuj arera ōj iko tik.

Ōj ijawu a'e Punaj kuj rakang oerut.



6 COMO MANTER NOSSA QUALIDADE DE VIDA

Cuias

Há muito tempo a gente tem nossas cuias. Quando os *kirahi* ainda não traziam cuias, a gente já tinha. Os pés de cuia gostam muito de terra escura. A gente toma muito cuidado com os pés de cuia, e aí eles não morrem, e, por isso, temos cuieiras. As cuias plantadas pelos nossos falecidos avós hoje estão ficando velhas. Hoje ainda existe algumas das nossas antigas cuieiras. Agora a gente fala para Funai e eles trazem estacas de cuieiras para plantarmos.



6 JO'E KŌ IKO TUTE'E POTARIWI KIRAMĀTY

NANE RIBE KŌ

Eribe kō jo'e kō potaruhu.

Mo'ereke oho a'erame te oerut. Mytū ra'yra aoj e'e a'e oerut.

Kuriri dajkoj kurumiri a'e kwata ra'yra oeru rane. Potatī kujā kō mo'e bebyra kō, a'erame oerut. Kusi bebyra potat kipusi bebyra potat a'e reko pajwara te pyhygypy a'e bobē'u. Kutahī iko potatī. Erut eribe e'i tī kujā kō taetuni e'i.

Mo'ereke pajwara oho rame. Rerekwara kō bohe nowe a'e ory.

Amo kō ohem a'e doryj. Amo iwan iko pyri doryj.

Kusi bebyra pope bobē'u o'u. Bewe wy'at kusi bebyra bewe te pokuha.

Ribe jo'e remi'upe wy'at jo'e remi'u rehe wy'at. Daja'uj se oreribe aret.

Jo'e remi'u o'u a'erame pojy a'e daja'uj.

Werurypy ohy rete ijo'o rane ajiri iko pokuha a'e ijo'o iho. Ajiri ijo'o jo'e rehe mama rehe niremi tī ijo'o. Opoj katu e'e mi'u obobē'u gatu a'e nomonoj.

Jo'e remi'u dopotari baja ahy baja mono. Mono a'e jo'e amo rehe jo'e muha.

Oesa ijapyt oeru ijapyt. A'e konan kō rane.

Joribe arera kō mono a'e jo'e botowari ky'yj e'e jo'e bosibot botowari.

Bosibot ky'yj ate a'e jo'e naniwyj joribe aret.



NOSSOS ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO



Nós gostamos muito de nossos xerimbabos. A gente vai caçar e então trazemos filhos de mutuns; são muito belos então a gente traz. Antes, quando ainda não se tem nossos próprios filhos, aí trazemos mesmo filhos de coatás. A mulheres querem muito os filhos das caças, aí trazemos. Querem bebês de cotia, querem bebês de saguis, aí quando os maridos acham eles pegam e dão a suas esposas. As meninas também querem muito ter. “Traga meu xerimbabo para eu afagá-lo” dizem as mulheres quando os maridos vão caçar. Quando as mulheres fazem carinho eles ficam felizes. Quando outras pessoas se aproximam aí ficam bravos; ficam bravos quando pessoas não convivem com ele chegam perto. Aos bebês de cotia damos de comer com as mãos.

Lentamente o bebê de cotia vai se familiarizando, acostuma-se bem devagar. É por causa da nossa comida que o xerimbabo se familiariza conosco. Em nenhuma situação nós comemos nossos xerimbabos. Eles comem nossa comida, por isso é perigoso, e aí não comemos. Quando acaba de trazer ele chora mesmo pela sua mãe. Em seguida, ele se acostuma e deixa de chorar. Depois ele passa a chorar por nossa causa, provavelmente chora porque pensa que é sua mamãe. Damos de comer direitinho. Se dá comida direito aí ele não morre. Quando ele pensa que a nossa comida pode lhe causar dores, então ele não come e morre. Se ele morre, pensamos em pedir para outras pessoas, caso vejam, para trazerem de novo. E então substituí aquele que morreu.

Quando nossos xerimbabos morrem a gente faz fumacê com cigarro de tauarí. Pulverizamos mesmo pimenta. Sopramos tauarí e pulverizamos pimenta, então aqueles que eram nossos xerimbabos não nos flecham com suas agressões.

6 JO'E KŌ IKO TUTE'E POTARIWI KIRAMĀTY

JO'E NADY KŌ REHE

Mi'u e'e nā

U'i rupijan ate nā.

U'i moerūha ate.

Do'uihoj u'i nāry rehe.

Aijerehe te jo'e kō nady rehe tupa jo'e ipy areripi ōj konan.

Nary rehe ate tahī kā apot.

Okujba rame sipe ate ja'u nowe.

Piahu iko sipe wi pohirane.

Nāry wa

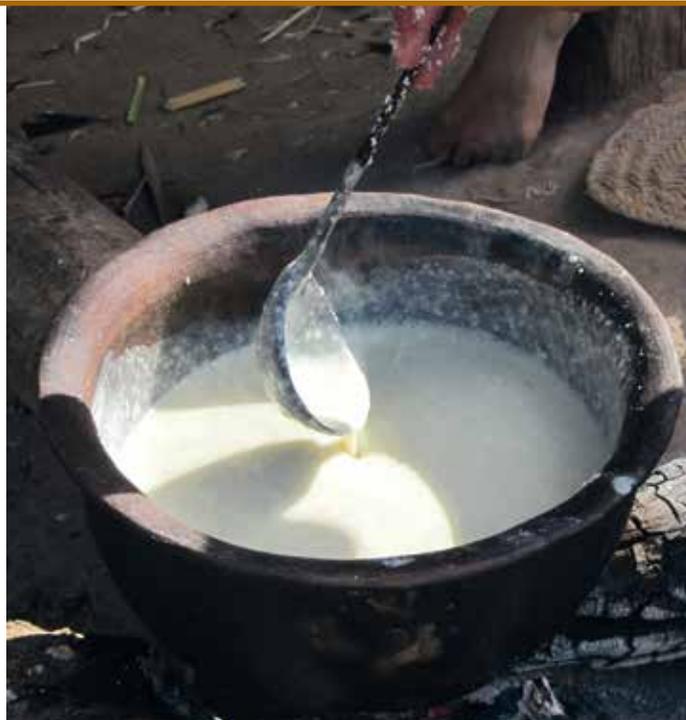
Nāry wa aha potat a'e abobaradu.

Kujā kō ate kyryhat pajwara te ijawu kubi'e kō pe ejot teretikut e'i.

E'iba awa kō a'e tikuba.

Nā doturuhuj rupijā teno tik ja'uba.

Pehyruhu pe iko a'e bobaradu ijapyt.



A RESPEITO DE NOSSOS CASTANHAIS

A castanha é que é a nossa comida mesmo

A farinha é a companheira da castanha. Ela é a mistura mesmo da castanha. A gente nunca deixa de misturar farinha com leite de castanha. Por isso mesmo, a gente mora onde tem castanhal, tal como nossos antigos. É por causa do leite de castanha que as crianças crescem. Quando a castanha termina de cair, a gente continua comendo aquela mais amarga. Se tem nova a gente deixa a mais amarga para comer depois.

Comer juntos o mingau de castanha

A gente avisa quando vai comer mingau de leite de castanha. As mulheres são mestras em ralar castanha. Os maridos convidam os outros homens “venham tomar leite de castanha”, dizem. Quando terminam de dizer, as pessoas vêm e comem tudo de uma vez. Quando não tem tanta castanha, apenas as pessoas que moram em uma mesma aldeia comem. Quando temos os nossos cestos de carregar castanha bem cheios, então convidamos de novo muita gente.



6 JO'E KŌ IKO TUTE'E POTARIWI KIRAMĀTY

Nā'a'y

Nā kuru'i iko.

A'e jo'e ijawu nā'ay.

Dajko uhuj se nā'ay.

Nā e'e iko uhu ja'um ate nā e'e.

Jo'e rebireko teno nā'ay.

Tite kirahi mo'e.

Jomi'u pirit kirahi mo'e ram ate.

Nā kihe

Kuriri ate jo'e ipy nā kihe reko.

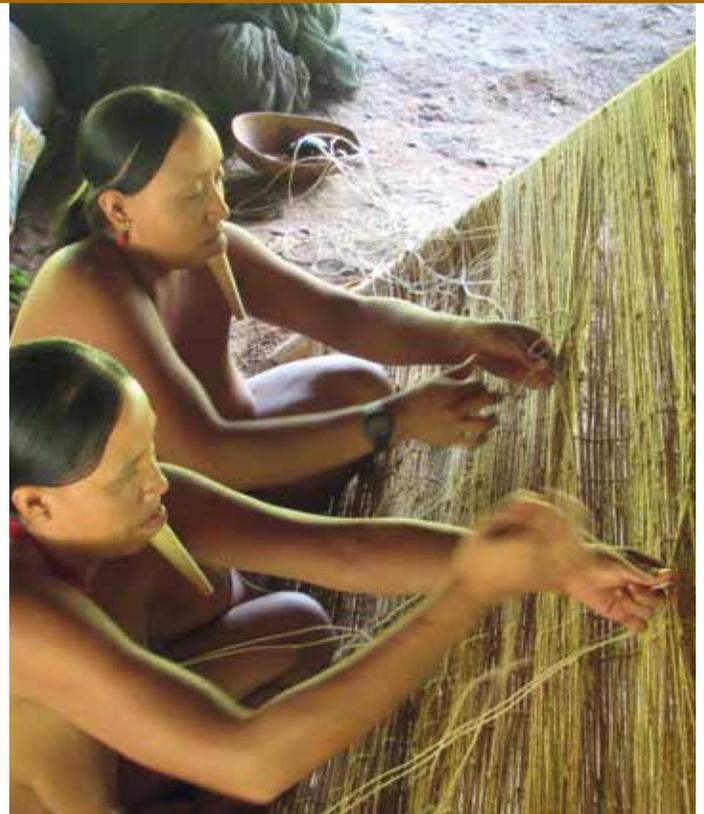
Nā kihe awyrupi tata buhu nā kihe
atā Dasirigi dajikogi sese'ēj dabygi.

Kuriri jo'e kō iko uhu e'e nā kihe
poha.

Dopaj tite nā kyt.

Kiheram opon a'e nā juk.

Amo juk amo iko wi.



6 COMO MANTER NOSSA QUALIDADE DE VIDA

Os ouriços pequenos são para fazer nossas pulseiras

Quando o ouriço de castanha é bem pequeno nós chamamos aquela castanheira de árvore de pulseiras. Não tem muita castanheira desse tipo. Castanha de verdade têm muito. A verdadeira castanha é aquela que comemos. Apenas nós usamos os ouriços de pé de castanha para fazer nossas pulseiras. As que usamos para venda de artesanato são outras. As que serão para os não índios são aquelas que sobram da nossa comida, por causa do tamanho.



Nossas redes de fibra de castanheira

Há muito tempo os primeiros de nós tinham rede de castanheira. Quando se coloca fogo embaixo da rede de castanha, ela é firme. Não resseca, não rompe o fio, não fica esfumaçada muito rápido. Há muito tempo a gente já fazia muita rede de castanheira. As castanheiras jovens não acabam. A gente bate a entrecasca que será rede, então a castanheira estraga. Aquela fica velha, mas ainda existem outras.



6 JO'E KŌ IKO TUTE'E POTARIWI KIRAMĀTY

MO'E JUK TYHA

Jo'e kō remi'u pirit jiahi pehyjuk tataporaret ity aru oetyk.
Juba rame ity aret pyta tenono.

Kirahi mo'e arera te dahej e'e'e'e.
Turi remi'u jugaret dahej e'e'e odyj potat ahy iko potat.
Tahī kwani jo'e kō ahy potat.

Ahyha jo'e kō ba'u teha jo'e pe ahyha Punaj kō ba'u Sejaj akō ba'u nowe.
Kirahi mo'e areraba jo'e kō werut Sātarēty Punaj toereha jawo.

COMO DESCARTAMOS COISAS ESTRAGADAS

As cascas dos nossos alimentos, mato, jamanxins velhos, cinzas, a gente joga nas nossas lixeiras, nas aldeias. Se já está estragado, então fica na lixeira. As coisas dos não índios, quando ficam velhas são ruins meeeesmo. As pilhas velhas são ruim meeeesmo; elas podem espalhar dores. As meninas, os meninos, nós todos podemos ter dores. A gente toma cuidado com isso. A Funai toma cuidado com doenças na nossa terra. A equipe de saúde também toma cuidado. Então, a gente traz esse tipo de material para que a Funai leve para ser descartado em Santarém.



7 KIRAHĪ MO'E KŌ KONĀHA

Pūdu ji atejanatu

Dajkoj Pūdu ji Atejonatu rame Punaj karakuri rehe tenono kirahi mo'e kō.
Punaj konan oerut a'e bobē'u jo'e kō tomy'yj.

Ōj Pūdu ji Atejonatu iko rame a'e jo'e rebiaporarera rehe jo'e karakuri iko rane.
Jo'e kō kōta rehe jeba.

Ōj Pūdu ji Atejonatu iko ipy.

Jo'e mo'e kō poharupa iko.

Kisiweha jo'e kō dokuhagatuj wi a'e ōj Punaj karakuri ba'u gatu rane. Jo'e
kuha rame a'e jo'e ate ba'u potat.

Puhaj ate jo'e karakuri ikuha okeha um iko a'e a'e pete

lepe Punaj pyri pytywū jo'e rebiaporeraha rehe kisiweha rehe nowe.

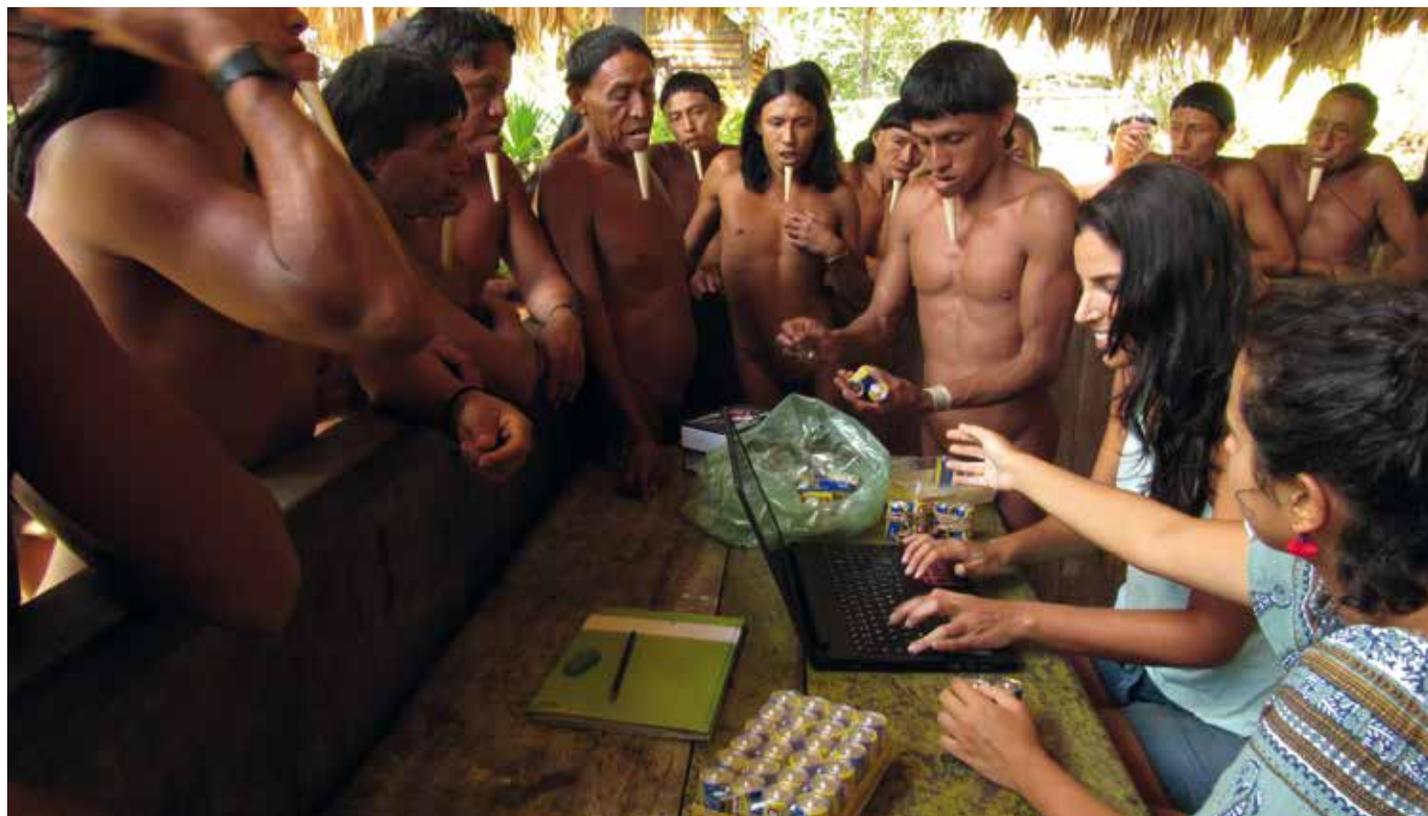
Mō juj jo'e mo'e poha kō a'e juj kirahi mo'e konan.

Mo'e su jo'e potatete kirahi mo'e kō: pide turi turi remi'u kuj dybo pirang
sādaria jikirike jy uhu tata boke ra'yt.

7 COMO BUSCAMOS LIDAR COM DINHEIRO

Fundo de Artesanato – FAZ

Quando não tinha Fundo de Artesanato era apenas com o dinheiro da Funai que as mercadorias eram trazidas e distribuídas entre nós. Hoje existe mesmo o Fundo de Artesanato. Então, por causa das coisas que nós confeccionamos, temos mesmo o nosso dinheiro. Todos nós somos donos de nossa conta no banco. Agora o Fundo de Artesanato está se consolidando. Temos um jeito de vender o que produzimos. Hoje ainda não sabemos bem escrever em português, aí a Funai ajuda a administrar o nosso dinheiro. Quando soubermos mesmo, aí seremos nós que vamos gerir sozinhos. Hoje está tudo bem, pois a Funai presta contas a nós sobre as movimentações de nosso dinheiro. O Iepé, junto da Funai, ajuda com a escrita relacionada às coisas que fazemos para o Fundo. “Quanto custa as coisas que fazemos?”, assim trocamos de maneira equivalente com coisas dos não índios. Essas são as coisas dos não índios que queremos: anzóis, lanternas, pilhas para lanternas, cuias, linha vermelha de algodão, sandália, lima, machado, isqueiro, faquinha.



8 TEHA IJISENA HOHA KUPEJ BA'UHA

Kirahi mo'e kō bopu rane

Iko tisu kirahi jo'e rekoha pe a'erame kwata kiji baja a'e kiwoty ut.

Dojaesage'e muang kwata.

Kwājti tiga'u sipejisāw rame.

Okuj tenana ijaja ke'i do'uj pak do'uj.

Dojapotare'ej kirahi ojki jīmim.

Ojki n jīmim a'erame kwata kō dajkoj kyky kō dajkoj deabu kō dajkoj.

Namomuami e'e deabu doroeduj e'e deabu.

Kirahi mo'e kō bopuha.

Derereguhu a'e kwata pojy.

Kasitājēru ba'uha

Dade jo'e kō nā okej iko.

Nāke ereko rame Punaj orerupi oho potat kasitājēru ba'uhamu.

Nā rehe ekapireko rame a'erame kihari nohēpotari e'e.

Ore ywy popype kasitājēru pyta a'e dahej e'e potat.

Kome jo'e kō dohoj rane, sipejisāw rupi a'erame we kasitājēru ojki iman nādy pe orekoha rupi. A'erame dahej iman.

Jo'e kō iwyjmi kasitājēru ojki jonādype a'erame dahej iman.

Doryjba jo'e kō kasitājēru rehe.

Kasitājēru nādy pyhyba tī no aijerehe doryj nowe.

A'erame ate jo'e ba'u kasitājēru.

8 ESTAMOS PREOCUPADOS COM O ENTORNO DA TERRA INDÍGENA

Os não índios espantam a caça

Foi devido à presença de invasores no sul do nosso território que o macaco coatá teve medo e foi embora dali. Quase não vimos coatá durante a última expedição ao limite sul, matamos apenas dois. O fruto do inajá cai e fica lá, macaco prego não come, cutia não come. Não queremos, de modo algum, invasores na nossa terra. Quando tem invasor, não tem coatá, não tem guariba, não tem nambu. Quando fomos naquela região, não ouvi nenhuma vez o nambu levantar voo na mata. Os não índigenas espantam a caça. Fazem muito barulho e o macaco coatá se assusta.

Vigiar nossos castanhais

Em breve, nossas castanhas estarão em ponto de coleta. Quando formos pegar castanha na região que foi invadida, a equipe da Funai irá conosco para nossa proteção. Se nós coletarmos esta castanha os não índigenas não irão mais lá. Se os castanheiros não índigenas se estabelecerem perto demais da nossa terra, vai ser muito ruim.

Antigamente não tínhamos ido até lá ver. Mas no momento da expedição, os castanheiros já haviam entrado nos castanhais, dentro do nosso território, por isso antes mesmo já estava ruim. Os castanheiros entraram na nossa terra, nos nossos castanhais, por isso já estava ruim.



8 TEHA IJISENA HOHA KUPEJ BA'UHA

Punaj opytywū ha

Risumena rekoha tiwi kirahi ohem ore ywy pe.

Oreywy rebe'ype ohēpyta a'erame waha.

A'erame kirahi tupa uhu rabot.

Punaj ate bodoba iman komewe a'u.

Punaj kuha tenono kirahi hēha a'erame wahy uhu rabot.

A'erame jo'e kō Punaj opytywūha iwi dopohirahyj.

***Kirahi* rehe paradu tarak**

Jikwe'e jo'e nā ijet.

Dade jaha nā eke a'erame Punaj awe oho potat erupi kirahi ba'uhamu Punaj orerupi oho potat.

Kome kasitājēru nā pyhyba tī aijerehe ōj kasitājēru doryj e'e baja a'erame jo'e doryj e'e'e nowe no.

Awā kō doryj e'e nowe.

Pehīruwā nā ijet jo'e ywy ate no jo'e ywy pe nā iko.

Kirahi ywype nā iko a'erame kirahi nā te rabot.

Kirahi nā ruwā sa jo'e nā no jo'e nā te e'e'e'e rane.

Paradu tarak e'e a'u jō ōj.

8 ESTAMOS PREOCUPADOS COM O ENTORNO DA TERRA INDÍGENA

A Funai vai continuar nos ajudando a cuidar dos limites da TI

Os não indígenas vieram da região de Oriximiná até a nossa terra. Vieram ficar na beira da nossa terra, e depois atravessaram. Por isso, é provável que eles fossem se estabelecer definitivamente ali.

A Funai já os mandou embora recentemente. Se a Funai apenas soubesse de sua vinda, sem nos avisar, aí seria muito ruim para nós. Por isso nós não desejamos abrir mão do apoio dado pela Funai.

Estamos falando duramente sobre os invasores

Somos muitos os donos da castanha. Em breve iremos coletá-las e a Funai irá conosco.

Há algum tempo, invasores estavam pegando muita castanha no nosso território e eles agora devem estar muito bravos, como nós também estamos.

A castanha não tem só um dono. É a nossa terra, a castanha está na nossa terra. Tem castanha na terra dos não índios, deve ser a castanha deles. Essa não é deles. É nossa castanha. Nossa castanha mesmo. Estamos falando duramente agora.



8 TEHA IJISENA HOHA KUPEJ BA'UHA

Misiunariu ba'uha

Kuriri misaw awi misiunariu u'ut a'e Toj tapiri pe okit

Ajiri jiapyri u'ut Kuruwaty pe okit

Ajiri Kej na pe misiunariu ohem a'e rame ki'a dekogipy

Maiahi rape ram oa'an tenanane oho

A'e rame jo'e oho upi

A'e Kej na iwana misiunariu rupi oho ba a'e misiunario pyru katu jo'e japo

A'e rame misiunariu dajiwuri a'e rame te jo'e nohemi nowe Kej na pe a'e tapererabot

A'e rame jo'e kō awe namuruhaj

Jaba'uiwi misiunariu ōj jo'e kō

Kirahi rupi nowe tenana misiunario ba'uha iko

Jo'e kō minerasaum name tohem e'i

Minerasaum jo'e rekohape taha e'i tī,

a'erame guwenu name ekwa e'i rane.

Wŷj jajri guwenu py baja a'e ere ji rehe e'i titisu a'erame ohem potat baja.

Minerasaum ohem rabot y repirakang kō o'u

y dahej a'e ej'uha daikopotari.

A'e mo'e kō awe bodo potat.

Aije rehe dapotari e'e.

A'e jo'e kō minerasaum name tohem e'i.

8 ESTAMOS PREOCUPADOS COM O ENTORNO DA TERRA INDÍGENA

Precauções com missionários

Antigamente os missionários vieram da Missão e acamparam em Toj Tapiri.

Depois continuaram vindo e acamparam no Kuruwaty

Em seguida, chegaram até o Kej na [Kejã] e iniciaram a derrubada da mata

Eles já estavam testando a abertura da pista de pouso, e, depois, foram embora

Foi aí que nós fomos junto deles

Todo o pessoal de Kej na foi com os missionários, e fizeram uma aldeia junto deles.

Então, os missionários não voltaram, e nós também não, por isso Kej na quase se tornou uma capoeira.

Por isso, naquele tempo não pensávamos direito

Hoje nós temos ressalvas contra os missionários, assim como nos precavemos com outros não indígenas, hoje também temos formas de nos precaver contra os missionários

Não permitimos a ação de empresas mineradoras em nosso território

Sabemos que há empresas mineradoras interessadas em explorar o nosso território e que elas não tem autorização do governo para isso. Se o governo amolecer e der permissão a estas empresas, elas chegarão em nossa terra. Se isso acontecer, a mineração irá devorar as cabeceiras dos igarapés, a água se tornará ruim para nossa saúde e não poderemos beber a água dos nossos rios. A ação mineradora também pode espantar os animais de caça. Não queremos nada disso. Por isso dizemos às empresas mineradoras: não se aproximem de nossa terra!

SÍNTESE DAS DIRETRIZES DE GESTÃO SOCIOAMBIENTAL DA TI ZO'É

1 *TYTYTE JO 'E IWANA KÕ IKO*

COMO VIVEMOS NOSSA MOBILIDADE TERRITORIAL

COMO VIVEMOS HOJE

Nós vivemos em várias aldeias

Cada um de nossos grupos vive em lugares separados dentro de nossa Terra Indígena

Nossos grupos se juntam para trabalhar na roça, para caçadas, para fazer canoas, para construir casas, para reuniões e para festas

COMO QUEREMOS CONTINUAR VIVENDO

Queremos seguir ocupando às margens dos rios Kare e Erepecuru, nos limites de nossa Terra Indígena

Queremos seguir abrindo novas aldeias em nossa Terra Indígena, garantindo a independência e qualidade do território de cada grupo

COMO OS PARCEIROS DEVEM ATUAR

QUEM DEVE APOIAR

Promover a continuidade da mobilidade territorial característica dos Zo'é

FPEC, Equipe de Saúde e Iepé

Promover a busca por abundância de alimentos e outros itens de uso cotidiano, e pela qualidade nas relações sociais entre os Zo'é-

FPEC, Equipe de Saúde e Iepé

Promover a continuidade da dispersão das aldeias evitando a sedentarização entorno da base da Frente de Proteção

FPEC, Equipe de Saúde e Iepé

Definir de modo participativo as condições e o tempo de permanência nas aldeias próximas à base da Frente de Proteção para reuniões, atendimentos de saúde, e outras atividades, levando-se em consideração, dentre outras coisas, a menor oferta de alimento na região

FPEC, Equipe de Saúde e Iepé

SÍNTESE DAS DIRETRIZES DE GESTÃO SOCIOAMBIENTAL DA TI ZO'É

2 *JO'E REKOHA BA'UHA*

COMO FAZEMOS A VIGILÂNCIA DO NOSSO TERRITÓRIO

COMO VIVEMOS HOJE

Quando vamos caçar e pescar a gente também faz a vigilância do nosso território

Nós reservamos a parte norte da nossa Terra Indígena, pois é lá que as caças se reproduzem

Atualmente nós recebemos apoio da Funai e do Iepé para a vigilância da nossa Terra Indígena

Atualmente mantemos boas relações com nossos vizinhos Tiriyó quanto a proteção de nosso território

Hoje nós vigiamos a parte sul de nossa Terra Indígena, pois soubemos recentemente que os castanhais desta região foram usados pelos não indígenas

COMO QUEREMOS CONTINUAR VIVENDO

Cada chefe deve fazer a vigilância de seu respectivo território dentro da nossa Terra Indígena

Nós desejamos continuar sendo apoiados com motores para que possamos nos deslocar pelos principais rios de nossa Terra Indígena

Nós desejamos continuar sendo apoiados com rádios para que possamos saber sobre acontecimentos ruins e tomar decisões mais rápidas

Quando soubermos que há invasões em nossa Terra Indígena, devemos ir até lá regularmente para vigiar, e irmos em muitas pessoas, desde que acompanhados pela Funai

COMO OS PARCEIROS DEVEM ATUAR

QUEM DEVE APOIAR

Promover à vigilância enquanto uma estratégia de proteção territorial sob responsabilidade dos próprios Zo'é

FUNAI, FPEC e Iepé

Seguir formando os Zo'é quanto à importância da dispersão territorial como estratégia de vigilância

FUNAI, FPEC e Iepé

Apoiar logisticamente as iniciativas de vigilância feitas pelos Zo'é

FUNAI, FPEC e Iepé

Fomentar a comunicação e promover relações de parceria com os povos indígenas vizinhos para o fortalecimento da vigilância territorial

FUNAI, FPEC, Iepé e organizações dos povos vizinhos

SÍNTESE DAS DIRETRIZES DE GESTÃO SOCIOAMBIENTAL DA TI ZO'É

3 *Jo'E PARADUHA*

COMO NOS ORGANIZAMOS

COMO VIVEMOS HOJE

Nós procuramos conhecer as coisas que nossos antigos sabiam

Nossas decisões são boas quando ouvimos nossos chefes e todos nos entendemos

Nós valorizamos os conhecimentos das mulheres, pois são elas que sabem confeccionar a maior parte de nossos objetos

COMO QUEREMOS CONTINUAR VIVENDO

Os jovens devem seguir respeitando e querendo aprender os conhecimentos dos mais velhos

Queremos continuar nos reunindo com regularidade para tomar decisões conjuntamente

Não queremos que os não indígenas interfiram em assuntos que são nossos, por exemplo: sobre casamentos de nossos filhos, sobre nossas comidas, ou como pensamos que as pessoas devem ser corretas

Não desejamos que os não indígenas apenas venham até nós sem que colaborem conosco, apoiem nossa saúde e a vigilância de nosso território

As mulheres que sabem fazer cerâmicas, trançados e outras coisas, devem ensinar as mais jovens

COMO OS PARCEIROS DEVEM ATUAR

QUEM DEVE APOIAR

Valorizar os conhecimentos dos Zo'é e garantir a continuidade de seus modos de transmissão

FUNAI, FPEC, Equipe de Saúde e Iepé

Valorizar o uso da língua zo'é por seus falantes

FUNAI, FPEC, Equipe de Saúde e Iepé

Não interferir nas formas de organização política próprias dos Zo'é

FUNAI, FPEC, Equipe de Saúde e Iepé

Sempre explicar bem e consultar os Zo'é antes de receber qualquer colaborador dentro da Terra Indígena

FPEC

SÍNTESE DAS DIRETRIZES DE GESTÃO SOCIOAMBIENTAL DA TI ZO'É

4 IKUHA OKEHA

COMO BUSCAMOS CONHECIMENTOS

COMO VIVEMOS HOJE

Já faz tempo que queremos muito entender a escrita, mas só recentemente que o lepé chegou aqui e começou a nos ensinar. Agora estudamos com dedicação, para aprendermos

Recentemente realizamos intercâmbio para a Terra Indígena Wajãpi. Também recebemos, em nossa Terra Indígena, nossos vizinhos Katxuyana, Tunayana, Waiwai e Hexkaryana

COMO QUEREMOS CONTINUAR VIVENDO

Aqueles que começaram a aprender a ler e a escrever devem seguir seu aprendizado e devem colaborar para o aprendizado dos outros

É importante que pessoas de todos nossos grupos venham aprender a ler e a escrever em nossa língua

Os jovens devem levar a sério o aprendizado da leitura e da escrita, mas também não deixarem de caçar e trabalhar

Desejamos que as mulheres também passem a aprender a ler e a escrever

Queremos ter atividades de formação na Casa dos Mapas e também nas nossas aldeias.

Nós desejamos seguir fazendo outros intercâmbios, para que possamos conhecer a morada de outros povos e seus modos de vida

COMO OS PARCEIROS DEVEM ATUAR

QUEM DEVE APOIAR

Garantir a continuidade da formação política dos Zo'é para defesa de seu território e de seus modos de vida

FUNAI, FPEC e Iepé

Garantir a continuidade do letramento, entendendo a importância da apropriação de concepções dos não indígenas como estratégia para a garantia de direitos

FUNAI, FPEC e Iepé

Garantir que as atividades de formação, dentro e fora da Terra Indígena, afetem o mínimo a dinâmica da vida cotidiana dos Zo'é

FUNAI, FPEC e Iepé

Promover novos intercâmbios, visando a troca de conhecimento com outros povos.

FUNAI, FPEC, Iepe, Equipe de saúde e organizações dos povos vizinhos

SÍNTESE DAS DIRETRIZES DE GESTÃO SOCIOAMBIENTAL DA TI ZO'É

5 SAUJI

COMO CUIDAMOS DA NOSSA SAÚDE

COMO VIVEMOS HOJE

Nós seguimos com nossas práticas de saúde, como resguardos, cuidados contra as agressões dos animais e uso de itens da roça e da floresta para fins terapêuticos

Nós recebemos um bom atendimento à saúde pela Sesai, e já estamos familiarizados com as pessoas que nos atendem

Nós tomamos muito cuidado com a gripe que é trazida pelos não indígenas

COMO QUEREMOS CONTINUAR VIVENDO

Devemos pensar com cuidado uns nos outros e observar os resguardos. Os jovens também devem escutar bem o que os mais velhos dizem sobre isso

Nós pretendemos aprender os conhecimentos de saúde dos não indígenas, para no futuro atendermos nossos parentes, também nas aldeias mais distantes

Novos servidores de saúde devem ter disposição para aprender nossa língua e nosso jeito de ser

Não desejamos que a equipe de saúde seja substituída sem que haja a formação dos novos servidores pelos servidores atuais

Esperamos que a equipe de saúde ande pela nossa Terra Indígenas e a conheça bem, realizando atendimentos também nas aldeias

Exigimos que, a cada entrada de alguém em nossa Terra Indígena, as pessoas sejam avaliadas por um médico, para evitar que tragam gripe para nós

COMO OS PARCEIROS DEVEM ATUAR

QUEM DEVE APOIAR

Levar em consideração e respeitar o fato de que os Zo'é possuem grande conhecimento sobre sua própria saúde

SESAI, DSEI, Equipe de saúde, FUNAI, FPEC, Iepé, outros povos e organizações indígenas

Levar em consideração os modos de vida dos Zo'é e sua dinâmica territorial para que se promova um atendimento de saúde mais adequado

SESAI e Equipe de saúde

Seguir as diretrizes de atendimento à saúde estabelecidas pela Sesai em conjunto com a FPEC e os Zo'é

SESAI, Equipe de saúde, FUNAI, FPEC e Iepé

Observar as exigências dos Zo'é quanto à possível substituição de servidores da saúde atuantes na Terra Indígena

SESAI, Equipe de saúde, FUNAI, FPEC e Ministério Público Federal

SÍNTESE DAS DIRETRIZES DE GESTÃO SOCIOAMBIENTAL DA TI ZO'É

6 *Jo'E KŌ IKO TUTE'E POTARIWI KIRAMĀTY* COMO MANTER NOSSA QUALIDADE DE VIDA

COMO VIVEMOS HOJE

A gente não abre aldeia de qualquer jeito. Temos critérios bem definidos para escolher o lugar. Tem que ser parecido com nossas capoeiras, lugares onde já moramos no passado

Nós buscamos viver próximos de castanhais, tal qual nossos antigos

A gente não abandona simplesmente nossas aldeias quando elas ficam velhas e se tornam capoeiras. Voltamos para lá para cuidar de alguns cultivos e também para caçar

Nossos meninos aprendem a caçar bem cedo, sempre acompanhados de um homem mais velho

A gente gosta de andar longe. Na seca a gente vai longe para pescar, e aí aproveitamos para matar mutum para obter penas para fazer flechas

COMO QUEREMOS CONTINUAR VIVENDO

Queremos trocar conhecimentos com outros povos indígenas a respeito de seus cultivos

Não devemos pescar nem caçar em excesso e sempre evitar perder alimento

Ter cautela com o princípio agressivo dos animais, plantas, alimentos e outros seres da floresta

Devemos continuar fazendo trocas corretamente, pensar direito sobre o que dar em troca

Nós vamos cuidar para que não acabem as matérias-primas, para continuarmos fazendo nossos objetos e os artesanatos para o FAZ

COMO OS PARCEIROS DEVEM ATUAR

QUEM DEVE APOIAR

Respeitar, valorizar e promover a qualidade de vida inerente ao modo de vida atual dos Zo'é

FUNAI, FPEC, Equipe de saúde e Iepé

Respeitar, valorizar e promover os modos de transmissão do conhecimento próprios aos Zo'é

FUNAI, FPEC, Equipe de saúde e Iepé

Promover a autonomia alimentar de todos os Zo'é, respeitando suas demandas para diversificação de seus cultivos

FUNAI, FPEC, Equipe de saúde e Iepé

Respeitar as concepções específicas que os Zo'é têm sobre os animais, as plantas e outros seres, valorizando seus cuidados com eles

FUNAI, FPEC, Equipe de saúde e Iepé

Respeitar o modo como os Zo'é realizam as suas trocas

FUNAI, FPEC, Equipe de saúde e Iepé

SÍNTESE DAS DIRETRIZES DE GESTÃO SOCIOAMBIENTAL DA TI ZO'É

6 *Jo'É Kō IKO TUTE'É POTARIWI KIRAMĀTY* COMO MANTER NOSSA QUALIDADE DE VIDA

COMO VIVEMOS HOJE

Na época do coatá gordo, a gente vai longe caçar, cada grupo em seu território

Tinha muita caça na região da Frente de Proteção antigamente. Agora não tem muito. Quando fica muita gente em um mesmo lugar, começa a acabar a caça

Nós gostamos muito de nossos xerimbabos. Eles comem de nossa comida e, por isso, se acostumam conosco

A gente presa muito por nossas redes de fibra de castanheira. Apesar de serem pesadas, elas são quentes e duráveis, diferente das redes dos não indígenas

A gente pensa com cuidado nos companheiros de outras aldeias e compartilha a carne das grandes caças e dos peixes

As sobras de alimentos, jamanxins velhos, e outras coisas, nós jogamos em nossas lixeiras. Mas as coisas dos não indígenas, como pilhas, a gente devolve para a Funai para serem levadas para Santarém

COMO QUEREMOS CONTINUAR VIVENDO

Devemos seguir cuidando para não acumular lixo proveniente das cidades

COMO OS PARCEIROS DEVEM ATUAR

Garantir o saneamento das aldeias Zo'é, evitando o acúmulo de lixo proveniente das cidades

QUEM DEVE APOIAR

FUNAI, FPEC, Equipe de saúde e Iepé

SÍNTESE DAS DIRETRIZES DE GESTÃO SOCIOAMBIENTAL DA TI ZO'É

7 *KIRAHÍ MO'E KŌ KONĀHA*

COMO BUSCAMOS LIDAR COM DINHEIRO

COMO VIVEMOS HOJE

Hoje nós temos um Fundo de Artesanato, e, por meio dele, acessamos mercadorias dos não indígenas

São as mulheres que sabem fazer a maior parte das coisas que vendemos

Nós decidimos juntos, comunidades e chefes, aquilo que deve ser comprado com o nosso dinheiro e comunicamos à Frente de Proteção

A distribuição das mercadorias é feita na presença de muitas pessoas e conduzida pelos chefes

Nós absolutamente não compramos comida de não indígenas, pois temos muita comida em nossa terra

COMO QUEREMOS CONTINUAR VIVENDO

É muito bom que as mulheres jovens queiram aprender mais, e os homens devem sempre ter disposição para ir buscar as matérias primas na mata para as mulheres fazerem artesanato

Queremos acompanhar e aprender cada vez mais sobre como cuidar do nosso dinheiro

É correto quando todos têm acesso ao que é comprado pelo Fundo de Artesanato. Não é bom quando alguém fica insatisfeito

Tem coisas que as mulheres desejam e coisas que os homens desejam, é preciso ter sempre os dois tipos de itens

Os meninos e as meninas jovens também precisam ter instrumentos de trabalho, porque senão não vão aprender a fazer as coisas

COMO OS PARCEIROS DEVEM ATUAR

QUEM DEVE APOIAR

Consolidar e promover o Fundo de Artesanato, seu bom funcionamento e suas vendas, para garantir que ele seja produtivo

FPEC

Consolidar o Fundo de Artesanato também enquanto um locus de formação e como uma estratégia de proteção dos Zo'é

FPEC e lepé

Garantir a continuidade do processo de formação dos Zo'é em relação às questões que envolvem o dinheiro

FPEC e lepé

Garantir mecanismos para o acompanhamento pelos Zo'é, das movimentações de sua conta bancária coletiva

FPEC e lepé

Seguir avaliando, com a participação direta dos Zo'é, a forma mais adequada de gerir o dinheiro gerado por eles

FPEC, CGIIRC, lepé e MPF

SÍNTESE DAS DIRETRIZES DE GESTÃO SOCIOAMBIENTAL DA TI ZO'É

8 TEHA IJISENA HOHA KUPEJ BA'UHA

ESTAMOS PREOCUPADOS COM O ENTORNO DA TERRA INDÍGENA

COMO VIVEMOS HOJE

A Funai é a responsável pela fiscalização da nossa Terra Indígena e seu entorno

Estamos alertas com a possibilidade de retorno de não indígenas no Erepecuru, pois, há alguns anos, fechamos um garimpo na região com apoio da Funai e da PF

Estamos preocupados pois, recentemente, não indígenas exploraram nossos castanhais no sul da TI

COMO QUEREMOS CONTINUAR VIVENDO

Nas expedições de fiscalização nós devemos continuar participando do planejamento e sempre irmos em grande número de pessoas

Queremos consolidar a ocupação nos limites da nossa Terra Indígena, inclusive em regiões sob ameaça de invasão e manter todos informados sobre a situação de cada região

Nós pretendemos coletar regularmente a castanha na região que foi explorada por não indígenas

COMO OS PARCEIROS DEVEM ATUAR

QUEM DEVE APOIAR

A Funai deve fazer regularmente expedições aos limites da TI com a participação dos Zo'é

FPEC, FUNAI e Equipe de Saúde

Sempre que houver risco de encontro com invasores, a FPEC deverá acompanhar os Zo'é em suas iniciativas de ocupação territorial

FPEC e FUNAI

Promover políticas de informação e sensibilização das comunidades do entorno

FPEC e Iepé

Acompanhar a tramitação dos projetos de lei que visam regulamentar mineração em terras indígenas para garantir que haja direito a veto e que os direitos indígenas e ambientais sejam observados

FPEC, MPF e Iepé

Deve-se realizar periodicamente sobrevôos em regiões com histórico de invasões

FPEC, FUNAI, MPF e Iepé

Garantir que a FPEC tenha recursos necessários para fiscalização e que ela siga planejando e executando estas ações junto com os Zo'é

FUNAI, FPEC e Iepé

Investigar e combater as invasões e ilícitos que são comunicados pelos Zo'é

FPEC, FUNAI, MPF e PF



Pressões e ameaças no entorno da TI Zo'é

UM MOSAICO DE ÁREAS PROTEGIDAS

A TI Zo'é está inserida em um conjunto de áreas protegidas, na região que, nos anos 1970 e 1980, se tornou conhecida como "Calha Norte".

A sudoeste da TI, há vários territórios quilombolas. O mais próximo da TI Zo'é é a Terra Quilombola Erepecuru, titulada pelo Incra em 1998 (com retificação em 2016) e pelo Iterpa em 2000, com 231.610 hectares.

Em 2006, o Governo do Estado do Pará criou três grandes Unidades de Conservação (UCs) no entorno imediato da Terra Indígena:

- **A Floresta Estadual do Trombetas**, criada pelo Decreto nº 2607 de 04/12/2006, com 3,2 milhões de hectares.
- **A Floresta Estadual do Paru**, criada pelo Decreto nº 2608 de 04/12/2006, com 3,6 milhões de hectares.
- **A Estação Ecológica do Grão Pará**, uma UC de proteção integral, criada pelo Decreto Estadual nº 2609, de 04/12/2006, com 4,2 milhões de ha.

A criação dessas unidades, que são de domínio público e assim proíbem a titulação privada, é importante para a proteção dos recursos naturais da TI e de seu entorno. No entanto, as duas Florestas Estaduais (Flotas) pertencem à categoria de uso sustentável, permitindo ocupação e acesso regulado de parte de seus recursos naturais. Abrem, portanto, a possibilidade de concessões de áreas para exploração madeireira e mesmo mineral.

É também importante considerar o risco de pressões políticas para a redefinição dos limites da ESEC Grão Pará, como ocorreu em 2010, com a proposta da mineradora Rio Tinto Desenvolvidores Minerais Ltda., interessada na exploração de bauxita no rio Curuá, no entorno leste da TI Zo'é.

PRESEÇA DE POVOS INDÍGENAS ISOLADOS

O banco de dados da CGIIRC-Funai atesta em seu cadastro a presença de doze registros de povos indígenas isolados na área de atuação da FPEC. Eles estão dispersos nas imensas florestas que se estendem pelo norte do Estado do Pará (bacias dos rios Nhamundá, Mapuera, Cachorro, Trombetas, Erepecuru, Cuminapanema, Curuá, Maicuru, Paru de Leste e Jari), o norte do Amapá (bacias dos rios Amapari e Oiapoque), o sudeste de Roraima (bacia dos rios Jatapu/Jatapuzinho) e nordeste do Amazonas (bacia do rio Jatapu).

Desde 1987, a metodologia do trabalho de proteção de povos indígenas isolados é fundamentada no princípio da precaução e na política do “não-contato”. Assim, tendo em vista o disposto na Constituição Federal de 1988 assim como na Convenção nº 169 da OIT, esta política pública do Estado Brasileiro tem como principal objetivo garantir as condições para o exercício da autodeterminação, isto é, assegurar as condições territoriais, sociais e sanitárias para que esses povos indígenas possam continuar a manter o modo de vida que bem entenderem, assim como seus “usos, costumes e tradições”.

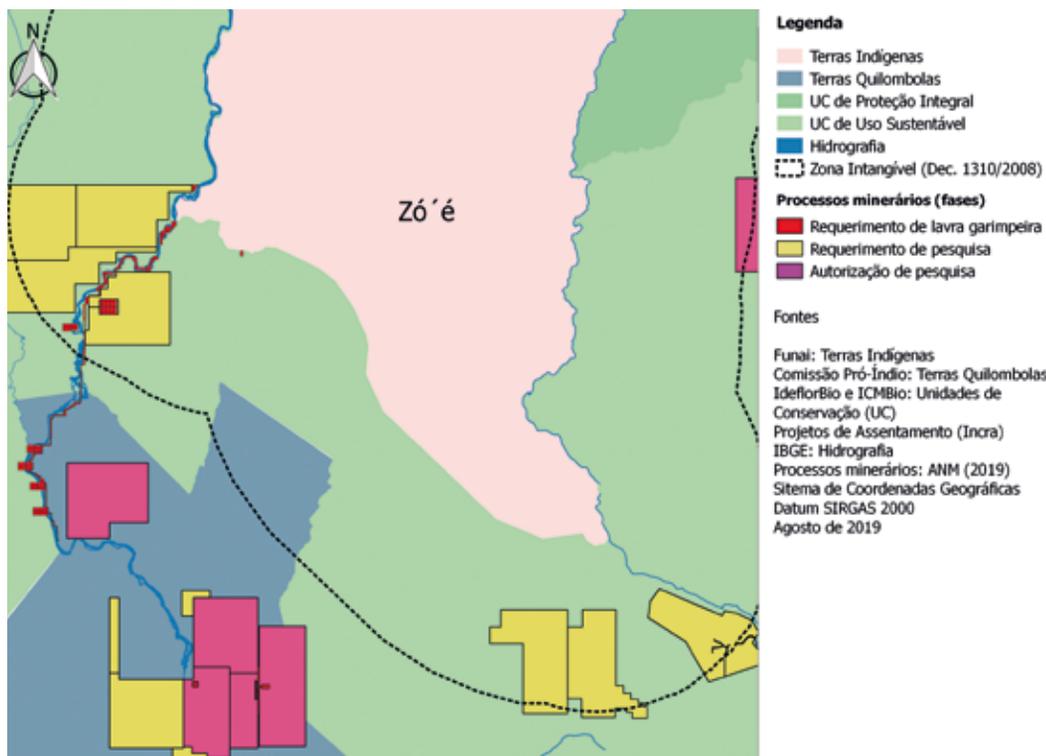
Dentre esses doze registros de povos indígenas isolados na área de atuação da FPEC, três incidem no entorno da Terra Indígena Zo'é.

- O primeiro deles (nº 36 – Rio Kaxpakuru/Alto Água Fria), situado a noroeste da TI Zo'é, incide na Estação Ecológica Grão Pará e está apoiado tanto nos escritos do antropólogo Protásio Friel como em informações recentes dos moradores de aldeias Tirió no rio Marapi (região oeste da Terra Indígena Parque do Tumucumaque).
- O registro nº 108 (Alto Urucuriana/Alto Curuá/Alto Maicuru), também incide na Esec Grão Pará, entre TIs Zo'é, Parque do Tumucumaque e Paru D'Este; da mesma forma, está apoiado em relatos antigos e recentes dos Tirió, Wayana, Apalai e Zo'é.

GARIMPOS

A presença de garimpos nos rios Erepecuru, Curuá, Cuminapanema, Urucuriana e no igarapé dos índios (Tarãri) é antiga e persistente. Como registrado no Relatório de Identificação da TI Zo'é, alguns locais já eram explorados na década de 1960, enquanto outros são ocupados intermitentemente nos anos 1980 e sobretudo 1990.

Desde 2016, o MPF tem atuado para coibir a garimpagem ilegal recorrente na faixa sudoeste da TI Zo'é. A presença dos garimpeiros tinha sido assinalada pelos próprios Zo'é, levando às ações de retirada. Graças a essas medidas e ao controle conjunto da FPEC-Funai e dos Zo'e, atualmente, há apenas dois pontos de garimpo ilegal próximos à TI Zo'é: o Garimpo do Carlinhos, que está ativo no Erepecuru (entre a TI Zo'é e a TQ Erepecuru) e o garimpo do igarapé Água Fria, afluente da margem direita do Erepecuru, que hoje encontra-se desativado, segundo informações da FPEC, que realizou sobrevoo em maio de 2019.

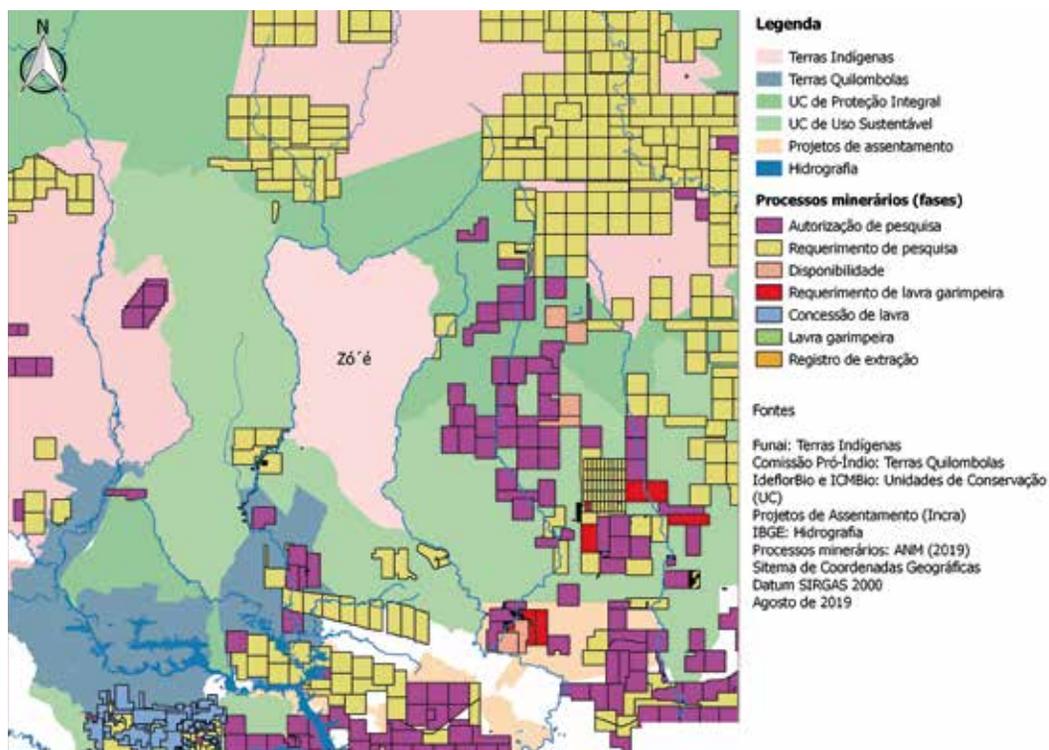


Os garimpos existentes até o momento são ilegais. No entanto, se verifica que, em alguns desses locais, foram submetidos requerimentos de “lavra garimpeira” (mapa ao lado – Nepomuceno, 2019: 39).

INTERESSES DE EMPRESAS DE MINERAÇÃO

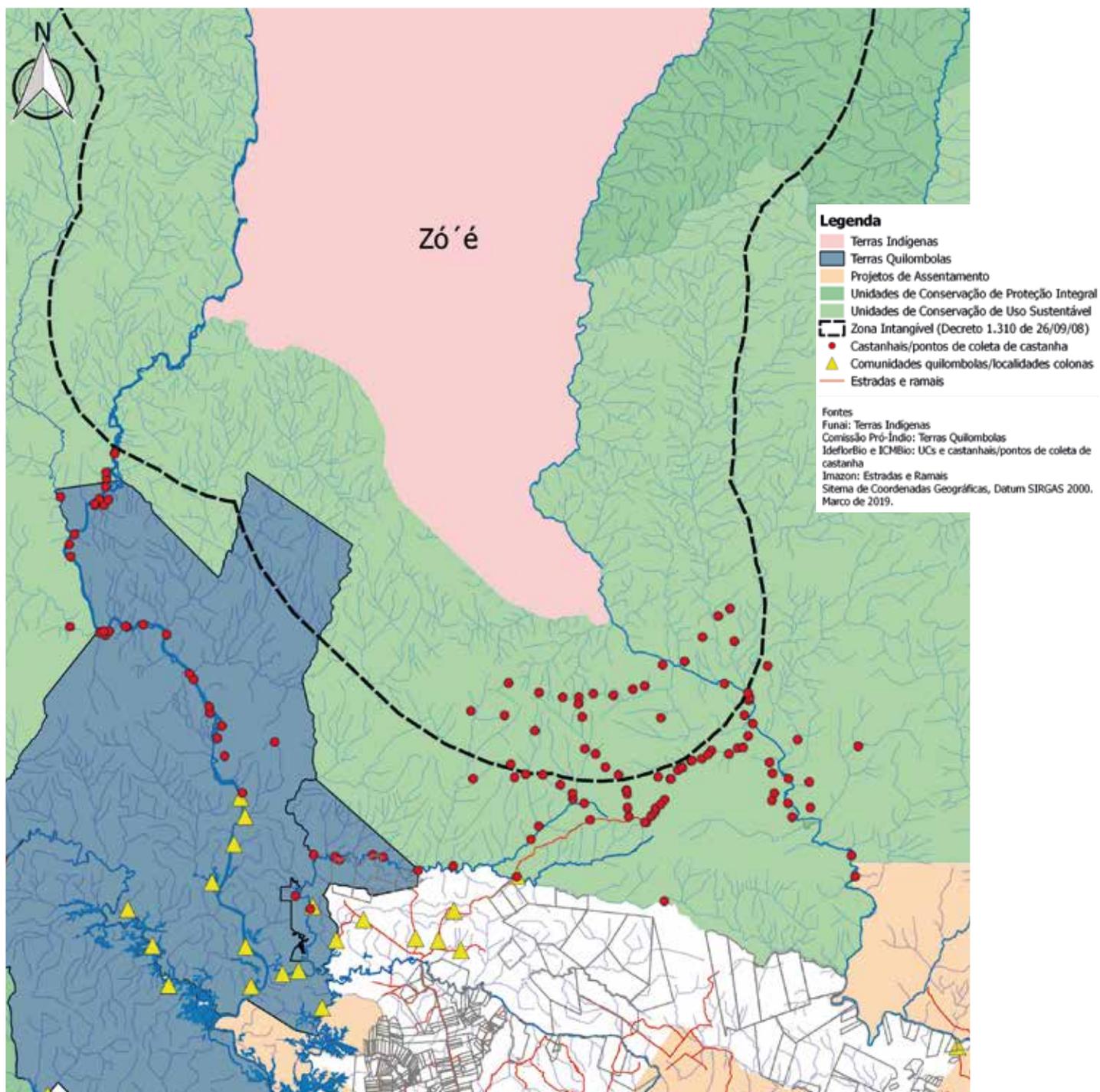
Não há, atualmente, processos minerários incidentes na TI Zo'é. No entanto, como se vê no mapa, alguns requerimentos de pesquisa mineral foram solicitados em áreas situadas no limite exato da TI, tanto a oeste como a leste.

Dados de 2019 da Agência Nacional de Mineração (ANM) evidenciam o crescimento de interesses de empresas de mineração na região onde se registra 512 processos ativos incidentes nos 100 km de entorno da TI Zo'é. A maior parte desses processos está em fase de requerimento, mas alguns já tiveram alvarás de pesquisa concedidos. Esses concentram-se na bacia do rio Curuá e foram, em sua maior parte, atribuídos à Mineração Rio Tinto Desenvolvimento Minerais Ltda (ver mapa – Nepomuceno, 2019: 28).



EXPLORAÇÃO ILEGAL DE CASTANHA NA PORÇÃO SUL DA TI Zó'É

A coleta da Castanha-do-Brasil é uma atividade muito antiga e significativa para a economia de toda a região de Oriximiná, realizada tanto por não-índios como por comunidades quilombolas e indígenas.



O extrativismo da castanha na região é praticado em modalidades muito diversas, onde se contrapõem formas de gestão coletiva em comunidades produtoras, com o recrutamento temporário de trabalhadores por empresários que vivem nas cidades.

Dada a enorme extensão dos castanhais em toda essa região e mesmo considerando a antiguidade dessa atividade extrativista, nunca houve conflitos entre os Zo'é e seus vizinhos coletores de castanha, até muito recentemente. Em 2010 e 2012, famílias Zo'é se aproximaram dos castanheiros instalados na proximidade do limite sudeste da TI, para obter deles objetos industrializados, em troca de trabalho de coleta da castanha. Na verdade, foram ludibriados e submetidos a um regime de troca injusta, como denunciou o MPF à Justiça Federal, em 2015.

Mais recentemente, em julho de 2019, por ocasião de uma expedição de fiscalização conduzida pela FPEC-Funai com a participação dos Zo'é, estes constataram sinais de invasores na porção sul da TI. Os vestígios evidenciavam invasão reiterada, por meio de caminhos amplos, indicando que além da extração de castanha, os invasores também caçavam e pescavam. Os índios confirmaram que nesta zona, havia uma sensível diminuição de peixes, uma alteração na disponibilidade de caça e muito lixo abandonado pelos invasores.

Como explicitam na parte central deste documento, acima, os Zo'é estão muito preocupados com esse tipo de invasão, para atividade extrativista comercial no interior de sua terra.



Parcerias



COMO FOI CONSTRUÍDO ESTE PLANO

Durante três anos, entre setembro de 2016 e agosto de 2019, foi desenvolvido um conjunto expressivo de atividades colaborativas com os Zo'é, graças ao apoio do Projeto Bem Viver Sustentável financiado pelo Fundo Amazônia (Contrato de Concessão de Colaboração Financeira no.15.2.00733.1, celebrado entre o BNDES e o Iepé).

Esses trabalhos realizados com os Zo'é visaram a construção participativa do Plano de Gestão Socioambiental, em moldes previstos pela PNGATI. Envolveram procedimentos metodológicos que garantiram a articulação entre essas frentes de atuação.



Primeiro, os assessores do Iepé visitaram todas as aldeias e realizaram expedições em regiões escolhidas pelos Zo'é, para levantar os usos dos recursos e documentar as iniciativas de ocupação recente de cada grupo local.



O Projeto também apoiou a realização de expedições de fiscalização nos limites, sob a responsabilidade da FPEC-Funai e contando com a participação ativa dos Zo'é.

Na sequência às expedições, ocorriam oficinas na “Casa dos Mapas”, localizada na Base da Funai em Kejã, para avaliar e sistematizar os dados levantados, especialmente através da produção de mapas. Os Zo'é se apropriaram dessa nova forma de registro para falar de seus movimentos entre aldeias e regiões da TI, assim como para destacar transformações que afetam seus modos de ocupação. Tratou-se de incentivar suas motivações para leituras e escritas, a partir de espaços de troca de informações sobre gestão territorial.

A partir de 2018, algumas oficinas tomaram a forma de “Encontros de letramento”, para acelerar a capacidade de leitura e escrita em língua zo'é de uma primeira turma de 28 jovens e adultos.

O foco de cada oficina / encontro de letramento era direcionado à discussão de algum resultado importante dos levantamentos ou expedições realizados com eles. Para subsidiar essa formação, foram elaborados com os Zo'é alguns “Cadernos de leitura” bem como produzidas sequências didáticas, inclusive de iniciação às operações matemáticas. Assim ficou claro, tanto para os Zo'é quanto para as equipes do lepé e da FPEC-Funai, que não seria possível construir um Plano de Gestão sem oferecer aos Zo'é a oportunidade de se apropriar de meios de registro e comunicação como a escrita alfabética, a elaboração de listas, e a construção de mapas detalhados segundo seus próprios critérios.





Na terceira etapa, preparada pelas duas primeiras e que iniciou em 2019, foi realizada uma série de reuniões visando construir “acordos” entre eles, visando a elaboração das diretrizes do Plano. As oito reuniões realizadas abordaram temas específicos, como processo de descentralização das aldeias, práticas de caça e pesca, usos de matérias-primas para construção de casas e artefatos etc. Essas reuniões de acordo sempre foram precedidas ou seguidas pelos Encontros de Letramento, que possibilitavam a sistematização dos resultados das discussões, em debates e por escrito. A última reunião de acordos, em agosto de 2019, resultou na redação final das diretrizes desse Plano, apresentadas na terceira parte deste documento.

Como se vê, os aprendizados foram múltiplos e intrincados uns aos outros. Nesse processo, os Zo'é entenderam gradativamente a importância da elaboração deste Plano, bem como tiveram oportunidade de se aproximar de outros instrumentos de proteção territorial previstos na PNGATI.

Por sua vez, a equipe do Iepé que conduziu esse programa de ações articuladas pode aprofundar seu entendimento das práticas territoriais desse povo, dimensionando a imensa responsabilidade em tornar melhor conhecido e respeitado seus modos de viver e de ocupar o território, tal como se procurou destacar na elaboração deste Plano. Uma descrição mais detalhada desse riquíssimo acervo de saberes e práticas, bem como dos desafios da proteção da TI Zo'é será cotejada num Dossiê complementar ao presente documento.



DESAFIOS DA IMPLEMENTAÇÃO DESTE PLANO

Os desafios para o futuro engajam duas dimensões, estreitamente vinculadas. De um lado, a governança da gestão territorial sob responsabilidade dos Zo'é e, do outro, a indispensável articulação de múltiplos atores que deverão se engajar na implementação deste Plano, em apoio as diretrizes estabelecidas pelos Zo'é.



Na próxima etapa, de implementação das diretrizes adotadas neste Plano, os Zo'é se propõem consolidar procedimentos de gestão política que eles vem experimentando nos últimos anos, especialmente durante a construção deste Plano. A realização regular de reuniões entre todos os chefes de aldeias e muitos de seus familiares, com as equipes da FPEC-Funai e do Iepé, é o principal mecanismo demandado por eles tanto para planejamento como para avaliação das ações em curso. Essas reuniões são chamadas oporadoha, “conversações”, “acordos” – um termo outrora reservado ao âmbito das trocas entre famílias. Inclusive, os chefes zo'é se mobilizam em chamar uma reunião toda vez que desejam obter informações sobre algum problema ou atividade que envolve decisão de toda a comunidade, como a gestão do Fundo de Artesanato – FAZ,

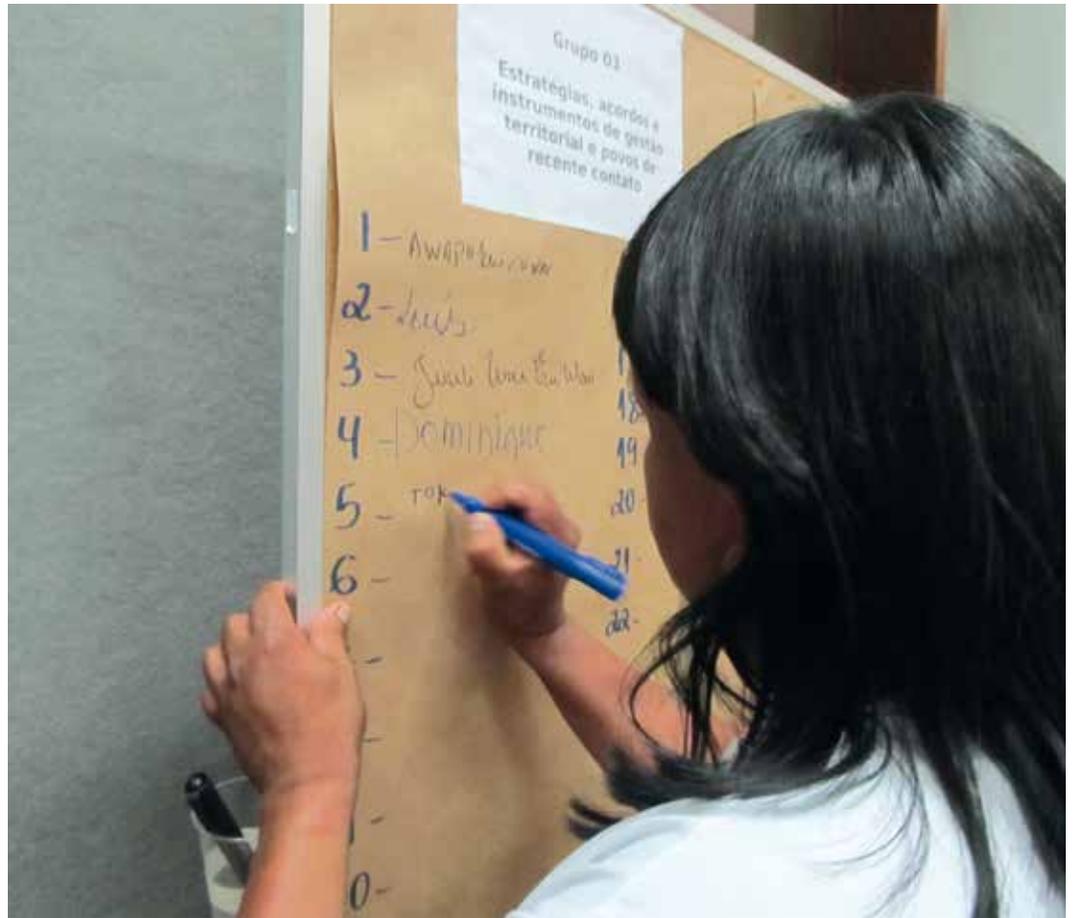
a organização de expedições de vigilância ou fiscalização, a seleção de representantes da comunidade que irão participar de eventos fora da TI.

Para atender a sua demanda de maior participação na gestão das relações com diversificados setores do estado e da sociedade brasileira, será importante dar início ao processo de reflexão coletiva visando a construção de uma organização representativa do povo Zo'é.

Para apoiar esse protagonismo crescente dos Zo'é, é necessário adensar a rede de atores institucionais, dos quais se espera participação ativa na implementação das diretrizes delineadas neste Plano e assim ajudar os Zo'é a cuidar de seu território.

O quadro sinótico de diretrizes para o futuro, acima apresentado, já indica quais instituições estão engajadas na proteção da TI. Um esforço coordenado entre elas será a melhor maneira de evitar o recrudescimento de invasões, bem como impedir que setores empresariais, com interesses econômicos sobre a região, continue pressionando os limites da TI, afetando a integridade das florestas tanto da Terra Indígena como das UCs no seu entorno.

Finalmente, espera-se das Organizações Indígenas (OIs) representando povos indígenas da região norte do Pará, bem como as de caráter nacional, que elas possam adensar sua interlocução com os Zo'é para conhecer e apoiar suas demandas.



Ao longo dos últimos três anos, representantes zo'é participaram de diversos eventos em que dialogaram com representantes de vários povos, inclusive de outros países, em situação de contato recente ou não.

Agora, eles desejam participar regularmente desse tipo de intercâmbio, em que têm a oportunidade de conhecer a perspectiva de outros povos sobre os mais diversos contextos de relações interétnicas.

JOKOHA BOIKUHAHAMU A'E PGTA IKO

Õj PGTA iko a'erame dade oroho kirahi
rupaty paradu a'e ore ywy rehe oporadu potat.

Iko mapa a'e ate jo'e rekoha kirahi kuha potat.

Õj PGTA iko a'erame ore awu arera orekuha
nono potat. Kiramãty joa'yrarera kō kuha potat.

Orera'yra kō koha uhu potariwi.

Temos o PGTA para dar a co-
nhecer o nosso território. Agora
que temos o PGTA, trataremos da
nossa Terra quando formos visitar
os não-índios e conversar. Tendo
mapa, os não-índios saberão como
ocupamos o nosso território.

Agora que temos o PGTA, va-
mos sempre nos lembrar do que
dissemos aqui. No futuro, nossos
filhos saberão disso também.

Queremos que os nossos fi-
lhos sigam ocupando vastamente
o nosso território.



No final da década de 1980, dois fatos praticamente sincrônicos marcaram a política indigenista brasileira. Apresentava-se ao mundo o povo Zo'é como uma das últimas etnias intactas da Amazônia, e promulgava-se a Constituição Federal vigente, tida como uma norma estatal capaz de garantir o bem viver dos povos indígenas. Três décadas se passaram e nenhuma das premissas se confirmou. Existem, hoje, mais de uma centena de registros de grupos isolados e os povos indígenas do Brasil jamais deixaram de ter que resistir a inúmeros fatores de pressão. O quadro, que já era grave, intensifica-se, mediante um brutal desmonte da agenda indígena. Na contramão desses ataques, o povo Zo'é lança luzes de esperança e, por meio do PGTA de seu rekoha, projeta o futuro, contribuindo, espontaneamente, para a correção do passado e presente de violações sentidas pelos povos indígenas.

Camões Boaventura,
procurador da República

Não é possível pensar em saúde sem considerar meio ambiente e território dos povos indígenas como o principal prestador de serviços para uma vida saudável. Desta forma, o PGTA é uma ferramenta fundamental para garantir saúde plena e proteção ao conhecimento tradicional. Evitar a imposição de um modelo biomédico não índio que não se comunica e nem se articula com os saberes e as práticas desses povos. É através do PGTA que ouvimos as demandas e organizamos as ações de saúde em sintonia com os Zo'é e, assim, juntos, o escrevemos.

Erik L. Jennings Simões,
neurocirurgião e médico do DSEI Guatoc



PARA SABER MAIS...

BRASIL. Decreto sem número, de 21 de dezembro de 2009. Homologa a demarcação administrativa da Terra Indígena Zo'é, localizada no Município de Óbidos, Estado do Pará.

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/sn/2009/decreto-50198-21-dezembro-2009-599011-publicacaooriginal-121411-pe.html>

BRASIL. Decreto no. 7.747, de 5 de junho de 2012. Institui a Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas – PNGATI.

http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/DEC%207.747-2012?OpenDocument

BRASIL. Portaria Conjunta MS/FUNAI nº 4.094, de 20 de dezembro de 2018. Define princípios, diretrizes e estratégias para a atenção à saúde dos Povos Indígenas Isolados e de Recente Contato.

<https://www.jusbrasil.com.br/diarios/223162461/dou-secao-1-28-12-2018-pg-390>

FUNAI. Povos Indígenas Isolados e de Recente Contato. Web site consultado em 13/10/2019.

<http://www.funai.gov.br/index.php/nossas-acoes/povos-indigenas-isolados-e-de-recente-contato?start=1#>

FUNAI. Portaria Nº 1816/PRES, de 30 de dezembro de 2011. Cria a Frente de Proteção Etnoambiental Cuminapanema.

<http://www.funai.gov.br/arquivos/conteudo/cogedi/pdf/Boletim%20de%20Servicos/2011/Boletim%2024%20de%2005.12.2011.pdf>

GALLOIS, Dominique Tilkin & HAVT, Nadja Bindá. 1998. Relatório de Identificação da Terra Indígena Zo'é. Portaria 309/PRES/Funai de 04 de abril de 1997.

NEPOMUCENO, Ítala Tuanny Rodrigues. 2019. Levantamento socioeconômico e ambiental da Terra Indígena Zo'é e entorno. Instituto de Pesquisa e Formação Indígena – Iepé, Projeto Bem Viver Sustentável.

JO'É REKOHA BOKITUTEHA RAM

PLANEJANDO COMO VAMOS CONTINUAR VIVENDO BEM NO FUTURO

PLANO DE GESTÃO TERRITORIAL E AMBIENTAL DA TERRA INDÍGENA Zo'É

REALIZAÇÃO

Instituto de Pesquisa e Formação Indígena – Iepé
Frente Etnoambiental Cuminapanema – FPEC/Funai

DIREITOS AUTORAIS

Povo Zo'É da TI Zo'É – Pará

ORGANIZAÇÃO E EDIÇÃO

Dominique Tilkin Gallois

ELABORAÇÃO DE TEXTOS

Dominique Tilkin Gallois, Hugo Prudente, Leonardo Viana Braga e Fabio Ribeiro

OFICINAS, TRADUÇÃO E REVISÃO DOS TEXTOS EM LÍNGUA Zo'É

Flora Cabalzar, Hugo Prudente e Leonardo Viana Braga

COLABORAÇÃO

Ítala Nepomuceno

MAPAS

Thomas Gallois, Ítala Nepomuceno, Simirã, Rasiú, Tajuje, Hun e Tereren Zo'É

FOTOGRAFIAS

Arquivo do Programa Zo'É do Iepé
Acervo pessoal das equipes da Funai e da Saúde que atuam na TI Zo'É

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Renata Alves de Souza | Tipográfico Comunicação

REALIZAÇÃO



APOIO





realização



apoio



Rainforest Foundation
Norway

